

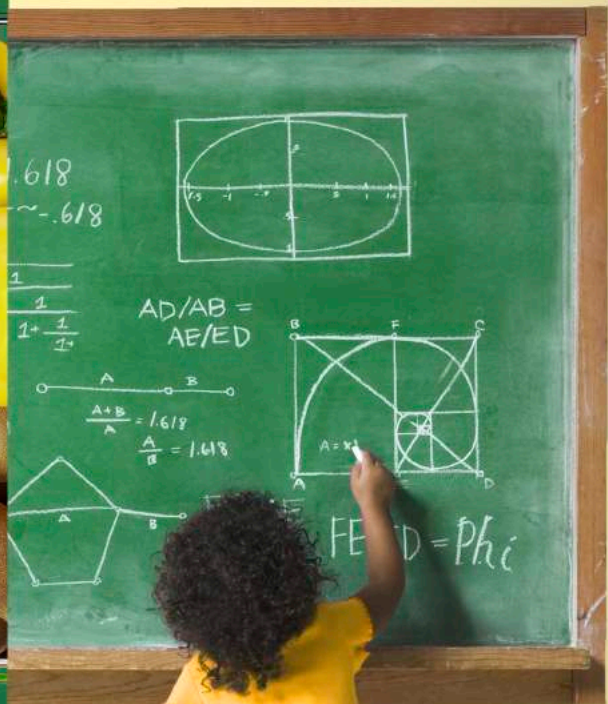
CLASSE

Revista da Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo

Edição 2 | Ano 1 | 2016

SOMOS TODOS CONTRIBUINTES

Em ano de ajuste fiscal, os brasileiros não podem perder a esperança: há uma luz no fim do túnel



CONTRA X A FAVOR


O sigilo dos autos de infração deve ser mantido?

ENTREVISTA

Fagundes - Conheça a opinião deste conceituado artista sobre diversos temas

ANSIEDADE

Quando ela é considerada uma doença?



Se for para mudar
seus **sonhos**,
que seja para
antecipá-los

Bién Vivir Esencial

Planejamento mais confortável
Ideal para associados mais jovens

Produto personalizado conforme o
perfil e condição de saúde

Descontos

+

Vantagens

InvestAfresp
Seguros e outros produtos

Para mais informações, ligue 0800 772 4747

CLASSE

EXPEDIENTE

A Revista Classe é uma publicação trimestral da Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo (Afresp) dirigida e distribuída gratuitamente aos seus associados e familiares, parceiros e à comunidade de negócios.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e a sua publicação não representa, necessariamente, a opinião da entidade e de sua diretoria.

Comunicação

Editor-chefe: José Roberto Soares Lobato

Conselho Editorial: Rodrigo Keidel Spada, José Roberto Soares Lobato, Vanessa Murayama, Milton Nakanishi, Antônio Sérgio Valente, Cássio Junqueira, Carlos Hage Chaim, Glauco Freitas Garcia

Editora: Viviane Bulbow de Amorim Mendes (MTB 33.251 JP/SP)

Jornalistas: Fabieli de Paula e Vanessa Zamprônio

Designers: Isabella Novaes e Thiago Gesteira

Assistente de Comunicação: Thalita Azevedo

Assistente de Redação: Giselle de Melo dos Santos

Comercial/Publicidade: Wilson Fraga Alegretti

Ilustrações: Mauricio Negro

Periodicidade: trimestral

Tiragem: 16.000 exemplares

Redação: Av. Brig. Luís Antônio, 4843 - São Paulo - SP

CEP 01401-002 - Telefones: (11) 3886-8837/ 8901

E-mail: comunicacao@afresp.org.br

Impressão: Pigma Gráfica e Editora Ltda.



Diretoria Executiva

Presidente: Rodrigo Keidel Spada

1º Vice-Presidente: Alexandre Lania Gonçalves

2º Vice-Presidente: Angela Manzoti Nahman

Secretário Geral: Matheus Henrique Lopes P. Lima

Secretário Adjunto: José Roberto Soares Lobato

1º Tesoureiro: Denis da Cruz Mângia Maciel

2º Tesoureiro: José Carlos Libano

Conselho Deliberativo

Presidente: Paulo Henrique Cruz

Vice-Presidente: Luiz Carlos Benício

1º Secretário: Pedro de Oliveira Abrahão

2º Secretário: Leandro Radusweski Quintal

Diretoria Designada

Antônia Emília Pires Sacarrão (Previdência); Cezar José D'Avoglio (Engenharia); Mara Tomassetti (Aposentados); Milton Nakanishi (Esportes); Nelson Trombini Junior (Jurídico); Renato Pei An Chan (Projetos); Vanessa Kazue Murayama (Social).

Fundafresp

Coordenador: José Rosa

Ouvidoria

Francisco Lucindo Ramalho Netto

Telefones: 0800-550679 ou (11) 3886-8843

E-mail: ouvidor@afresp.org.br

TÍTULO TÍTULO!

Do momento que transcorre entre a redação desse editorial e aquele em que o leitor nos lê, muita coisa pode ter acontecido em nosso país, tamanhas são as flutuações ocorridas no ambiente da política e da economia. É possível que estejamos próximos de ter um novo governante ocupando a principal cadeira da hierarquia política nacional, como é possível que não. Quem poderia, em sã consciência, afirmar com segurança como estará o país na semana que vem.

Tal qual o país, a classe fiscal, da qual nasce a Revista e que constitui seu público primário, mantém-se em suspense à espera dos desdobramentos das negociações da rolagem da dívida dos estados, cujo projeto de lei inclui, como contrapartida, o congelamento dos salários de todo o funcionalismo público, além de outras medidas restritivas. No caso de São Paulo, esse projeto representa a prorrogação de uma situação de arrocho salarial que já se prolonga por alguns anos e que coloca nosso Estado no extremo inferior da escala de remuneração de todos os estados da Federação. Preocupante? Claro que sim. Os motivos da preocupação estão expressos na Carta que Afresp e Sinafresp encaminharam ao Governador do Estado, Geraldo Alckmin, e ao Secretário da Fazenda, Renato Villela, cujo teor vai publicado na presente edição da Revista Classe.

Mas, se tudo nesse país parece contribuir para a instabilidade política e institucional, uma coisa faz andarmos em sentido oposto: a educação fiscal. Para a Afresp, a estabilidade e a força institucional passam pelo longo e árduo caminho da educação fiscal. Uma das fragilidades da política praticada no Brasil vem do baixo sentido de pertencimento que boa parte da população tem em relação ao universo do que é público. Boa parte da população não sabe que paga imposto e, por isso, tem uma consciência apenas difusa de algo que, mesmo sendo público, também é seu. Infelizmente, a estrutura tributária no Brasil não contribui para a melhoria dessa condição. A complexidade e a opacidade dos tributos atuam em favor da ignorância e da alienação. Ninguém sabe ao certo quanto paga de imposto, enquanto muitos não sabem sequer que pagam imposto na hora que consomem. Para a Afresp, a consciência de ser contribuinte é um primeiro e importante passo para o fortalecimento da cidadania e da democracia no Brasil. Não seremos inteiramente cidadãos enquanto não compreendermos que, antes de defendermos um partido ou uma ideologia política, somos contribuintes, com direito de cidadania lastreado pela contribuição que fazemos para a formação do espaço público. Para inaugurar uma campanha em favor da cidadania e do fortalecimento da nossa frágil democracia, a matéria de capa do terceiro número da nossa Revista inaugura a campanha #Somostodoscontribuintes e é dedicada ao tema da educação fiscal.

É só um começo que pretendemos que se expanda com o apoio de todos. Naquilo que estiver ao seu alcance, ajude. A partir deste número da Revista Classe, daremos indicações sobre os rumos da campanha para que todos possam aderir e dar a sua contribuição.

Afinal, **#Somostodoscontribuintes.** 🗳️

PALAVRA DO LEITOR



Confirmamos o recebimento da Revista CLASSE, Edição 2 (acrescida do Caderno Especial 01 – Seminário Internacional ICMS e o Futuro dos Estados).

Ao agradecermos, parabenizamos pelo conteúdo e pela diversidade dos assuntos abordados.

Como apreciadores de uma boa leitura, desejamos plena ascensão à revista.

Atenciosamente,

Eladio Arroyo Martins

Vice-Presidente do Sincomercio de São José do Rio Preto

Gostaria de parabenizar a jornalista Fabieli de Paula pela matéria sobre a Corrida.

Foi um trabalho completo, de muita qualidade, riqueza de informações e entrevistas com colegas de trabalho e profissionais da área.

Parabéns a todos!

Sergio Asami

Prezados,

Esta edição está melhor do que a primeira - o que era bom ficou ótimo.

A diversidade de assuntos e seus conteúdos estão muito oportunos, acompanhando os avanços dos tempos modernos. Noto que é uma publicação à altura da nossa classe.

Sucesso sempre. Grande abraço a toda equipe.

Geraldo Roberto Bocoli

Quero parabenizar pela Classe, revista que recebi esse mês.

Gostei muito dos artigos: *A união de todo pelo bem comum*; *Consumir sem possuir*; *Geração touch*; *Correr faz bem*; sobre Dr. Drauzio Varela e entrevista com Dan Stulbach.

Clarice Abujamra, como sempre, ótima; falou de Alcides Nogueira... gostei.

Não entendo nada de tributação - impostos, mas gostei da matéria economia compartilhada, ótima.

Gostaria de saber sobre implante no ouvido! Pois achei muito interessante, mas não sei a quem pedir informações.

Meu marido iria gostar muito da revista, pois lia o jornal da Afresp de cima a baixo.

Sem mais, abraços,

Esther da Silva Paes Barbin

Solicito o cancelamento do envio da publicação "Classe" para o meu endereço residencial.

Não bastasse o anacronismo de uma publicação impressa em pleno ano de 2016, a revista apresenta uma linha editorial restrita, que não abrange as diversas correntes de pensamento da nossa categoria.

Espero, com isso, poupar, pelo menos, a despesa gasta com o correio, enquanto aguardo, com um pouco de ingenuidade, o encerramento desse projeto.

Agradeço a atenção.

Moacyr dos Santos Lopes Junior

Queridos amigos da Revista Classe,

Parabéns a todos pelo ótimo trabalho. A revista tem várias matérias bacanas e muito me honra o espaço concedido. Valeu, pessoal! Que venham outros retratos e artigos.

Abraço forte em cada um de vocês,

Mauricio Negro

Ilmo. Sr. José Roberto S. Lobato

Editor-Chefe

Agradeço a gentileza do envio do exemplar nº 2 da Revista da Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo. Parabéns pela iniciativa, organizadores e colaboradores. Contínuo êxito nas atividades. Atenciosamente,

Deputado Antonio Salim Curiati

4º Vice-Presidente

Senhores,

Encontrei vossa revista num consultório médico e achei fantástica.

Quero parabenizar a redação e a editoria. Os artigos e reportagens são de alto nível e destoam das mesmices que se vê, geralmente, em publicações como estas.

Gostaria, se possível, de ter acesso às próximas edições.

Sucesso.

Prof. Dr. Walter F. Molina Jr

Dpto Eng. Biosistemas

ESALQ/USP



ÍNDICE



- 6 TRIBUTÁRIO
- 7 QUESTÕES DA CLASSE
- 8 CONTRA X A FAVOR
- 18 SEU DINHEIRO
- 30 VITRINE
- 32 POLÍTICA
- 38 COMPORTAMENTO
- 39 RETRATO
- 42 SAÚDE E BEM-ESTAR

- 45 SAÚDE
- 52 GASTRONOMIA
- 55 ENTREVISTA
- 57 CULTURA
- 58 AGENDA
- 60 CURTAS
- 62 CRÔNICA

MEMORIAL DO CONVENTO



Clovis Panzarini é economista e AFR aposentado. Foi coordenador da CAT de São Paulo

As maluquices do sistema tributário brasileiro e o peso da carga trazem-me à mente a obra *Memorial do Convento*, do imprescindível José Saramago, que narra a saga, no século XVIII, de centenas de trabalhadores e 200 juntas de boi para transportar por dezesseis quilômetros uma descomunal pedra de mármore de 31 toneladas para a edificação do convento de Maфра. A promessa que fizera o Rei D. João V – a construção do convento – para que a esposa, Dona Ana Josefa, lhe desse um herdeiro e sucessor, pesou, como sempre pesam as promessas de reis, no lombo dos trabalhadores. O transporte da pedra vai deixando mortos pelo caminho, homens e bois. “Se Deus houvesse piedade dos homens teria feito um mundo rasinho como a palma da mão, levariam as pedras menos tempo para chegar” escreve o mestre Saramago. O objetivo de tanta dor, porém, seria nobre: a construção do convento iluminará os caminhos da salvação.

O contribuinte brasileiro também carrega metafórica pedra, tão pesada quanto, equivalente a 37% do PIB, com arestas tão cortantes, formas tão bisonhas e por caminhos tão erráticos quanto aquela pedra e aqueles caminhos. Mais dolorosos do que o peso, são os caminhos nada rasinhos e cada vez mais tortuosos. E, pior, ao contrário daquela, nossa pedra não ilumina, a não ser uns poucos apaniguados. E vai deixando, também, um rastro de mortes pela estrada; dos bois jurídicos, por encerramento de atividade, falência, recuperação judicial; dos bois físicos por desemprego, falta de saneamento, saúde, educação, etc. O peso e a bizarra forma desse gigantesco granito tributário certamente têm relevante responsabilidade pelo naufrágio do nosso Titanic. O fato é que essa pedra de 37% do PIB é insuficiente para construir o convento de gastos de 46%. E os bois e os homens não aguentam mais peso no lombo, nem as agruras da trilha fiscal. É preciso diminuir o tamanho do convento, mas isso ofende a religiosidade dos fanáticos “desenvolvimentistas”, que acreditam que conventos geram pedras e prosperidade. A viagem do granito tributário não tem fim; machuca o lombo do contribuinte a cada dia, a cada mês, a cada ano. E os construtores de conventos aumentam despidoradamente seu peso para

evitar a paralisia completa da obra. Aumento do IRPF sobre ganhos de capital, do IPI, dos impostos estaduais vão somando quilos à colossal pedra tributária. Alguém já disse que no fundo do poço da crise econômica há um alçapão. No poço tributário, também, quando se pensa que seu fundo foi alcançado, aparece algum gênio para afundá-lo ainda mais. A mais recente pérola tributária foi a mudança na regra de partilha do ICMS incidente nas operações interestaduais com destino a não contribuintes. A insurgência de vários estados contra a regra constitucional que destinava, naquelas operações, a totalidade da receita ao estado remetente resultou em Emenda Constitucional que agora reserva, naquelas operações, parte da receita ao estado de destino. O contribuinte remetente passa, então, a ser responsável também pelo pagamento de quinhão do ICMS ao estado destinatário. A aplicação dessa regra maluca inviabiliza o pequeno comerciante praticante de vendas on-line, que não suporta o custo burocrático para ser contribuinte de ICMS de todos os estados para os quais remete mercadorias, tendo de emitir um documento fiscal para cada operação e acompanhar a legislação tributária de cada estado para o qual remete mercadoria. São absolutamente insanas essas imposições. Ademais, quando mercadorias adquiridas pelo remetente estão sujeitas ao regime de substituição tributária (e não são poucas), ele recolhe, adicionalmente, o diferencial de alíquota ao estado destinatário e, depois, briga para tentar recuperar esse quinhão que já fora recolhido por ST. A quebradeira de contribuintes que operam comércio eletrônico já começou. Outra nuvem negra que desponta no horizonte tributário é o populista projeto de ampliação do limite de faturamento anual dos contribuintes optantes pelo regime SIMPLES, dos atuais R\$3,6 milhões/ano para R\$14,4 milhões/ano. Além de impor pesada perda de arrecadação aos entes federados, piora o sistema e amplifica o já existente desequilíbrio concorrencial entre os contribuintes SIMPLES e os demais, que têm carga tributária significativamente maior nas mesmas operações. “A boiada não argumenta nem se lastima, faz que puxa mas não puxa”, diz Saramago. E o País vai parando. ①

CARTA ENCAMINHADA AO GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, GERALDO ALCKMIN, E AO SECRETÁRIO DA FAZENDA, RENATO VILLELA

A classe fiscal, representada aqui pela Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo – Afresp, e pelo Sindicato dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo – Sinafresp, vem à presença de Vossas Excelências para manifestar sua perplexidade e indignação diante da iminência da aprovação do PLP nº 257/2016, o qual, a título de dar solução para a grave crise financeira por que passam os estados da nossa Federação, impõe a ela danos que ameaçam aprofundar ainda mais o quadro de crise fiscal e institucional que aflige todo o país.

Juntamente com a renegociação da dívida dos estados, tal projeto propõe o mais severo e generalizado arrocho feito ao funcionalismo público estadual de que se tem notícia nas últimas décadas. Tais medidas, inseridas no bojo de um “Plano de Auxílio aos Estados e ao Distrito Federal e medidas de estímulo ao reequilíbrio fiscal”, de maneira insinuante, provocam duas implicações:

1. Os funcionários públicos, genérica e indiscriminadamente, deixam de ser prestadores de serviços públicos e ganham a condição de “problema”, no mesmo plano do serviço da dívida.
2. O “plano” em questão transfere a responsabilidade pelo ônus das medidas a um Governo Federal tão debilitado quanto criticado pela maioria dos estados apoiadores do acordo. Juridicamente, o projeto de lei é inconstitucional, por usurpar competência das Assembleias Legislativas dos estados; politicamente, é ilegítimo, na medida em que se apoia num acordo com um Governo Federal fragilizado por inumeráveis ataques, inclusive, de boa parte dos que teceram o acordo.

Visto desse ângulo, não há como negar a perversidade de um projeto de lei que:

- É duplamente ineficaz, porquanto, de um lado, não ataca o problema do estrangulamento dos estados na Federação em sua real dimensão. Prefere fazer do funcionalismo público seu “bode expiatório” de ocasião; de outro, apoia-se num pré-julgamento difuso sobre o funcionalismo público, enquanto sequer tangencia o problema; antes de ter a coragem e a capacidade de encarar os problemas insinuados, prefere, por vias transversas, deixar “tudo como está”;
- É injusto, porquanto cristaliza o problema que deveria atacar, ao mesmo tempo em que ataca o que deveria proteger. A ale-

gação de que as contrapartidas à renegociação da dívida dos estados são necessárias por constituírem o aspecto “técnico” do acordo mostra a pobreza de sua argumentação. Como pode ser “técnico” um acordo que, a pretexto de corrigir as inúmeras distorções do funcionalismo público, as mantém intocadas e, mesmo, aprofunda as distorções que pretende combater? A linearidade do tratamento indiscriminado e indistinto dado a todo o funcionalismo público por parte dos governos mostra, ao mesmo tempo, sua baixa capacidade técnica, e as limitações em sua capacidade de julgar e de fazer justiça;

- É covarde e antidemocrático, porquanto não trata o problema de forma amadurecida com os interlocutores, que são pessoas, agentes políticos diretamente interessados e, por isso, merecedores de uma consideração que lhes é negada. Prefere, antes, ocultar a responsabilidade de seus autores, transferindo-a para um âmbito que não a tem;
- É temerário, porquanto alimenta o sentimento de descontentamento e revolta, ameaçando comprometer ainda mais a qualidade dos serviços prestados.

As medidas trazidas pelo PLP 257/2016 são lamentavelmente a prova do descaso com que os governantes encaram aqueles que deveriam constituir sua força. Estes, ao invés de prestigiar-los, preferiram fazer o contrário.

Os Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo constituem uma classe comprometida com o serviço público e com o bem comum e, evidentemente, não podem tolerar o aprofundamento de uma injustiça que já se prolonga por alguns anos e que os coloca no segundo lugar entre os mais mal remunerados de todo o país, ainda que gozem de reconhecimento por sua capacidade técnica e que atuem no Estado que tem a maior economia da Federação.

A Afresp e o Sinafresp, que sempre se colocaram ao lado da Administração Pública do Estado na busca de soluções para os problemas do Governo e, principalmente, da sociedade paulista e brasileira, vêm manifestar seu veemente repúdio ao PLP 257/2016, vendo nele uma manifestação de imerecido descaso e de ruptura do diálogo que sempre foi buscado. Não podem, portanto, tolerar o aviltamento a que está sendo submetida a classe que representam, a qual, para servir ao Governo e à sociedade, deve ser forte e respeitada. ④

O SIGILO DOS AUTOS DE INF

André Rodrigues Corrêa e Eurico Marcos Diniz de Santi

Professores da FGV Direito SP e Coordenadores do Projeto Transparência e Sigilo nos âmbitos Público e Privado

1. SEGREDO E PODER: A SACRALIZAÇÃO DO SIGILO FISCAL

Saber é poder. O controle do acesso ao saber é uma forma de manutenção do poder. O sigilo, assim, é instrumento de concentração do poder. O segredo está no cerne do poder do Estado: a distribuição desigual da capacidade de percepção faz parte do poder. O poder absoluto vê sem ser visto, sabe de todos e ninguém sabe dele.

Com o deslocamento dos Estados desta posição de exclusividade, pelo avanço da concentração do poder econômico fruto do desenvolvimento do sistema capitalista, a concepção de sigilo modificou-se: restou para as empresas privadas a herança do segredo como estratégia de mercado. O sigilo fiscal começa então a fazer parte do “segredo do negócio” (em um cenário em que é de extrema relevância o peso da variável fiscal e opacas as relações entre público e privado).

Em tempos de Lava a Jato, a discussão sobre a abertura dos AIIMs é, portanto, mais uma oportunidade para avançar a reflexão sobre as relações entre Estado e Sociedade Civil. Que instituições queremos? A quem serve a proteção do sigilo fiscal? Quais são seus limites?

2. RAZÕES PARA A ABERTURA DOS AIIMs

A apresentação das razões para abertura dos AIIMs evidencia o alinhamento de interesses dos diversos atores envolvidos, demonstrando a falsidade da premissa de que há uma batalha entre Estado e Contribuintes. A referida abertura realiza, em grau ótimo, a compatibilização dos valores da proteção ao indivíduo e do respeito a coisa pública. Por fim, tal medida rompe com o paradigma do litígio, construindo ambiente cooperativo entre agentes fiscais, Administração tributária e contribuintes.

2.1. NA PERSPECTIVA DOS AGENTES FISCAIS

O segredo torna invisível e desimportante a ação do agente fiscal. Manter sua performance secreta impede o reconhecimento do trabalho do servi-

dor e exclui sua derradeira voz na interpretação das normas tributárias. Além disso, impede que desempenho exemplar do dever funcional seja fonte de legitimação da carreira e de valorização na carreira. A abertura cria um diálogo público informando sobre as diferentes leituras das normas tributárias realizadas pelos auditores fiscais, o que permite a construção democrática de padrões de interpretação razoavelmente uniformes.

2.2. NA PERSPECTIVA DA ADMINISTRAÇÃO TRIBUTÁRIA

O segredo fiscal alimenta a lógica da complexidade e da insegurança jurídica. O empoderamento da Administração Tributária passa, necessariamente, pelo cumprimento de sua missão institucional. Num Estado Democrático de Direito, é ampla a publicidade dos atos de poder que lhes confere legitimidade.

Por dever de coerência, não faz sentido ocultar a peça inicial da autuação quando as decisões de primeira e segunda instância são públicas. No universo do serviço público não há espaço para verdades parciais, o que há é a necessidade de atualização e comunicação constantes de entendimentos racionalmente e publicamente justificados.

2.3. NA PERSPECTIVA DO CONTRIBUINTE AUTUADO

A abertura dos AIIM se justifica, inclusive, como medida de garantia para o cidadão autuado, pois isso tanto lhe permite verificar se o padrão de interpretação aplicado ao seu caso é compatível com o já aplicado a casos iguais, como lhe põe a salvo da aplicação de uma sanção de caráter arbitrário, ou seja, de um processo de autuação que o elege, injustificadamente, como alvo da perseguição do ente sancionador.

Eis os motivos pelos quais, desde o Iluminismo, propugna-se pela publicidade dos processos que visam a aplicação de penas: proteger o suspeito, o réu, o culpado garantindo a esses a proteção do olhar dos demais cidadãos sobre a forma como o Estado exerce suas prerrogativas.

RAÇÃO DEVE SER MANTIDO?

no Núcleo de Estudos Fiscais da FGV¹

Aliás, a possibilidade de escrutínio do processo pelos demais cidadãos também impõe uma maior exigência de consistência e clareza sobre o procedimento sancionatório, o que reverte, de novo, em benefício do contribuinte autuado: se o que se pretende com a sanção é, entre outras coisas, a concretização da prevenção especial, aquele que teve sua conduta avaliada como inadequada deve ser capaz de compreender os motivos de tal julgamento, para com isso atuar de forma distinta nas próximas oportunidades.

2.4. NA PERSPECTIVA DOS DEMAIS CONTRIBUINTE

A lavratura do AIIM não é tema de interesse exclusivo entre Fisco e contribuinte autuado, pois a autuação torna explícito qual a expectativa normativa do Fisco em relação ao comportamento dos demais contribuintes. Satisfaz, assim, a função de prevenção geral da sanção, já que todos cidadãos podem com isso balizar suas condutas de acordo com padrões concretos de legalidade consolidados em tais documentos.

Tal abertura democratiza o acesso à informação (acesso à legalidade concreta), fazendo com que não apenas grandes escritórios de advocacia que trabalham em larga escala tenham visão privilegiada do entendimento das autuações e suas assimetrias na aplicação dos critérios legais, criando ambiente de negócios, reduzindo custos de transação e tornando acessíveis informações, hoje, concentradas nas mãos de poucos.

A restrição injustificada do acesso à informação pública implica direta ofensa ao direito do cidadão de deliberar sobre políticas públicas, sobre a eficiência da ação dos servidores públicos e sobre a aferição da igualdade perante a lei; e as consequências são: difusão de insegurança jurídica sistêmica, fomento exponencial da indústria do contencioso e não submissão da administração pública ao controle social de seus atos, uma vez que participação efetiva no processo democrático exige a existência de participantes adequadamente informados.

3. O QUE A BAHIA TEM? A TRANSPARÊNCIA QUE QUEREMOS

Mas tal transparência, além de desejável, é possível? Pode ser realizada com amparo legal? A Lei 12.527/11 fornece as condições de possibilidade para isso: mesmo se acatarmos a ideia (certamente discutível) de que há dados nos autos de infração que são sigilosos, a LAI exige que a administração fiscal disponibilize as partes não sigilosas do documento (art. 7º, § 2º).

A decisão do estado da Bahia de realizar abertura dos AIIMs é, nesse sentido, exemplar: esse estado recentemente passou a publicar as informações essenciais de tais documentos por meio de plataforma virtual, conforme noticiado pelo portal Jota².

Nada justifica que a boa prática da Bahia não seja seguida por todos os estados da federação. Se o temor é a abertura das informações que violem intimidade e privacidade do contribuinte, pode-se tarjar essas, sem impedir a informação dos critérios legais e descrição dos fatos com generalização suficiente que permita a avaliação do critério que ensejou ao Fisco afirmar que os mesmos eram passíveis de enquadramento da incidência legal.

Diz-se frequentemente que hoje, no Brasil, os cidadãos não confiam nas instituições. O primeiro passo para a mudança tem que ser dado pelo Estado. A administração pública tem de confiar nos cidadãos e em processos democráticos. Cidadãos podem sopesar evidências e tomar boas decisões, para isso precisam apenas ter acesso às informações necessárias, tal como manda a LAI.

A melhor estratégia está na mudança de mentalidade dos operadores do Direito. É momento de repensar modelos ultrapassados em que o Direito era realizado em ambientes obscuros e ausentes de controle: é hora dos agentes públicos abraçarem as causas da sociedade e estes serem abraçados por esta pelo relevo e estimo que prestam ao Estado Democrático de Direito.



BAHIA

² Reportagem intitulada "Bahia passa a divulgar valores de autos de infração, em medida inédita no Brasil", publicada no portal Jota e disponível no seguinte link: <http://goo.gl/Kw3GI9>

O SIGILO DOS AUTOS DE INF

Fernando Moraes Sallaberry

AFR, Juiz do TIT de São Paulo, professor em cursos de Pós-Graduação e MBA, instrutor da Fazesp e autor do

Quando se fala em sigilo do Auto de Infração e Imposição de Multa, saltam aos olhos as seguintes indagações: O que há de efetivamente sigiloso, perante a legislação vigente, em relação ao AIIM lavrado e notificado ao contribuinte? Quem tem a obrigação de manter esse sigilo? Em relação a quem deve ser mantido o sigilo? A quem a quebra do sigilo do AIIM beneficia? Deve ser permitida a quebra do sigilo das informações contidas no AIIM?

Para elaboração destes comentários, entende-se que:

a) AIIM é o Auto de Infração e Imposição de Multa lavrado e regularmente notificado ao sujeito passivo;

b) os procedimentos de fiscalização que antecedem a lavratura do AIIM, tais como a visita ao estabelecimento do contribuinte, a expedição de intimações, exames de livros e documentos, etc, não se incluem no conceito de sigilo do AIIM;

c) a expressão sigilo do AIIM não abrange tanto o sigilo do texto acusatório estampado no impresso denominado AIIM como também o de todos os documentos juntados a ele, pelas partes, a título de prova;

d) a ausência ou a quebra do sigilo, materializada na possibilidade de divulgação de informação sigilosa, pode ocorrer por meio de uma conduta ativa, como quando a pessoa incumbida de manter sigilo divulga indevidamente a informação protegida, ou pode ocorrer por meio de uma conduta passiva, quando se permite que terceiros venham até os documentos que contêm informações sigilosas e dele tomem conhecimento.

1. O QUE HÁ DE SIGILOSO EM RELAÇÃO AO AIIM?

A existência do AIIM, em si, não é matéria protegida pelo sigilo, como não o são, tampouco, as fases de tramitação do processo administrativo tributário, nem o conteúdo das decisões proferidas no processo. Não obstante isso, remanesce sigilosa toda e qualquer informação no AIIM e nas peças processuais, quando relacionadas com situação

econômica e financeira do sujeito passivo, e com a natureza e o estado de seus negócios ou atividades (art. 198 do CTN).

O que há de sigiloso, via de regra, é o conteúdo da acusação, que nem sempre é sigilosa (vide notificação da lavratura do AIIM por meio de publicação no DOE), o conteúdo das provas produzidas pelas partes e, também, das peças por elas produzidas.

Conforme o tipo de informação que venha a ser indevidamente divulgada, ela poderá provocar, por exemplo, alteração no valor das ações de uma empresa na Bolsa de Valores, pode afastar clientes ou fornecedores, pode determinar a demissão de funcionários, pode inviabilizar a tomada de empréstimos no mercado, pode prejudicar exportações, aumentar o percentual dos juros dos empréstimos a serem tomados, pode revelar segredos industriais, etc.

Como a ação fiscal devassa as atividades do contribuinte, o conteúdo das informações nela obtidas e inseridas no AIIM não pode ser tornado público a terceiros, em razão dos sérios danos que sua divulgação pode causar ao sujeito passivo.

2. QUEM TEM A OBRIGAÇÃO DE MANTER ESSE SIGILO DO AIIM? QUEM TEM O DIREITO DE EXIGIR QUE SE RESPEITE ESSE SIGILO?

À luz do art. 198, caput, do CTN, do art. 4º, inciso XVIII da Lei Complementar estadual 939/03 (Código do Contribuinte do Estado de São Paulo) e dos arts. 153, § 1º-A, 154, caput, e 325, todos do Código Penal Brasileiro, parece não haver dúvida de que o sigilo fiscal, de modo geral, e o sigilo do AIIM, de modo particular, são uma obrigação da Administração Pública e, ao mesmo tempo, um direito do sujeito passivo. Destaque-se que, em relação a esse sigilo, o sujeito passivo tem o direito, e não a obrigação, à preservação do sigilo de tais informações.

As regras de sigilo existem no interesse dos sujeitos passivos, e não da Administração Pública.

RAÇÃO DEVE SER MANTIDO?

livro *Anotações sobre o Processo Administrativo Tributário Paulista*

Consequentemente, enquanto a Administração Pública deve observar esse sigilo, o sujeito passivo é livre para divulgar ou não suas informações de caráter sigiloso.

3. EM RELAÇÃO A QUEM DEVE SER MANTIDO O SIGILO?

Na medida em que a lavratura do AIIM consiste na prática de ato administrativo, cujo conteúdo resulta de exame e análise dos documentos (sigilosos ou não) produzidos pelo contribuinte e entregues ou exibidos à Fazenda Pública, por força do que determina o art. 197 do CTN, o art. 6º, inciso V do Código do Contribuinte e o art. 494 do RICMS/00, clara está a inexistência de sigilo em relação ao fisco, pois, se sigilo tivesse havido em relação a ele, o fisco não teria conseguido lavar o AIIM, por absoluta falta das informações necessárias.

De outra banda, não há sigilo em relação ao próprio sujeito passivo, pois tal sigilo, se existisse, impossibilitaria o exercício do seu direito de defesa, no processo administrativo tributário estadual. O acesso do sujeito passivo às informações constantes do AIIM é garantido pelo art. 17 da Lei Estadual 13.457/09, pelo art. 4º, inciso VI, do Código do Contribuinte do Estado de São Paulo e, principalmente, pelos §§ 1º e 2º do art. 34 da Lei Estadual 13.457/09, que determina que se entregue ao autuado cópia do AIIM e de tudo o que o instrui.

4. A QUEM A QUEBRA DO SIGILO DO AIIM BENEFICIA?

Na medida, portanto, em que o sigilo do AIIM não se impõe às partes que litigam no processo administrativo tributário paulista, resulta inevitável concluir que esse sigilo é imposto especificamente contra aqueles que não integram a relação jurídica materializada no AIIM.

5. DEVE SER PERMITIDA A QUEBRA DO SIGILO DAS INFORMAÇÕES CONTIDAS NO AIIM?

Considerando que o sigilo do AIIM só existe em relação às peças que podem conter informações sigilosas a respeito da situação econômica ou financeira do sujeito passivo ou de terceiros e da natureza e o estado de seus negócios ou atividades, e que a manutenção desse segredo é uma obrigação da Administração Pública, mas apenas um direito do sujeito passivo, e considerando, ainda, que a manutenção desse segredo atende à interesse do sujeito passivo, e não da Fazenda Pública, entendemos que a quebra do sigilo dessas informações poderia causar sérios danos e prejuízos injustos ao sujeito passivo, sem que, em contrapartida, houvesse qualquer ganho para a Fazenda Pública ou para a sociedade, com a divulgação dessas informações.

Nada impede que o sujeito passivo divulgue tais informações, porém caso o queira.

Ademais, para que essa quebra de sigilo pudesse ser concretizada, seria necessário alterar o Código Tributário Nacional, o Código do Contribuinte do Estado de São Paulo e a Lei Estadual nº 13.457/09, que abrigam dispositivos legais que dão suporte à manutenção do sigilo dessas informações.

Por derradeiro, o disposto no art. 5º, inciso XXXIII da Constituição Federal não é aplicável, como regra, a quebra de sigilo do AIIM, porque o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, pressupõe justamente a existência, no AIIM, de dados e informações de interesse da terceira pessoa, estranha à relação instaurada por meio do AIIM, ou de interesse geral, o que só pode ser analisado caso a caso.

De modo geral, portanto, com base na legislação hoje vigente, entendemos que não há base legal que permita, como regra, a quebra do sigilo das informações constantes do AIIM. ④



ANTES DO NÓS O

Por José Roberto Soares Lobato

Imposto é coisa complicada. Quem paga, reclama porque paga e quem devia reclamar não reclama porque pensa que não paga, mas paga e não reclama. A complexidade das regras de aplicação dos tributos foge da escala do razoável e desencoraja qualquer um a querer entender o que se passa no mundo dos tributos. Quem não gostaria de saber o quanto paga de tributo? E, se paga, o que é feito com os recursos pagos? É o tributo que define a fronteira entre o privado e o público. A lei, e somente ela, define as condições em que o tributo é devido e sempre que uma determinada condição estabelecida em lei é verificada, uma parcela de recursos privados deve ser transferida para atender ao interesse público.

Por mais complexas que sejam as regras de aplicação dos tributos diretos, o contribuinte sempre saberá que está nessa condição e o quanto está pagando por isso. Se obtenho um rendimento, pagarei um imposto proporcional a ele, segundo uma regra determinada. Se sou proprietário de um veículo ou

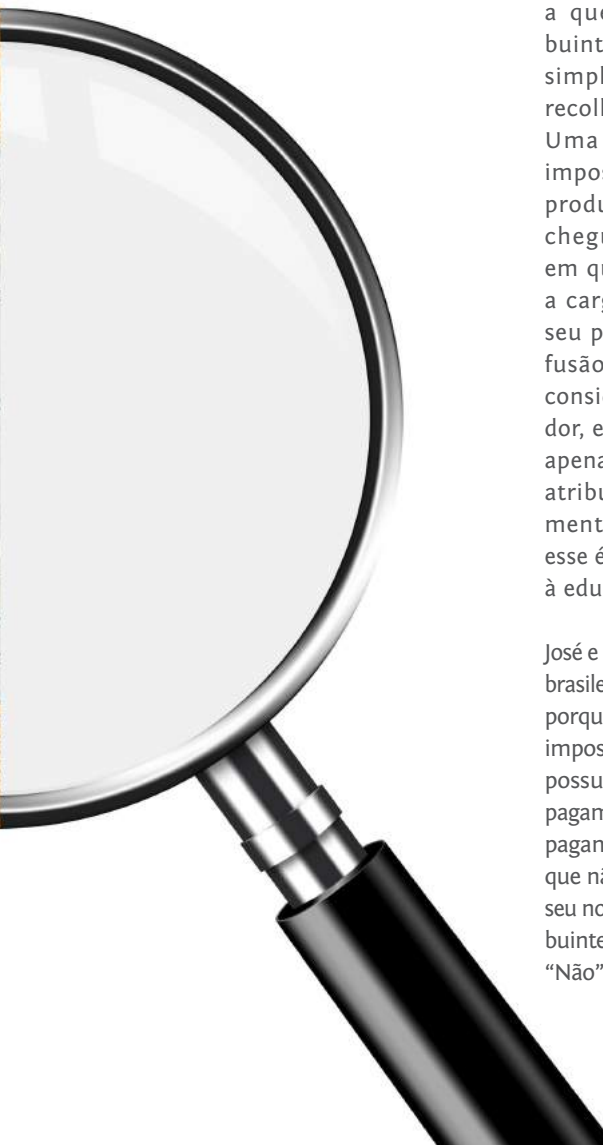
de um imóvel, devo pagar o imposto correspondente a cada um desses bens, segundo as respectivas regras de tributação. Tenho clareza quanto à minha condição de contribuinte. No caso dos impostos diretos, posso discutir se a carga que me é imputada é justa ou excessiva, se as regras são adequadas ou não. Dessa forma, posso tentar influir para que as regras desse jogo fiquem mais próximas das minhas convicções ou do meu interesse. Pago o imposto e posso dizer se considero justo ou injusto o que pago, tanto pelo montante pago, quanto pelo que me é dado em troca sob a forma de serviços públicos.

O Aurélio define contribuinte como sendo: “1. - ... quem contribui, ou paga contribuição”, e, numa acepção mais próxima à do direito tributário, “... aquele que tem, por lei, a obrigação de pagar imposto”. E aí reside a encrenca. No caso dos impostos indiretos quem efetivamente arca com o valor do imposto pago é o consumidor do bem ou serviço. Quem vende o produto ou serviço com intuito comercial,



U ELES,

#SOMOSTODOS CONTRIBUINTES



a quem a lei denomina contribuinte, não paga o imposto, mas, simplesmente, tem o encargo de recolher o imposto para o Estado. Uma vez recolhido, o valor do imposto é repassado ao preço do produto comercializado, até que chegue ao consumo, momento em que o consumidor arcará com a carga de imposto embutido em seu preço. É para evitar essa confusão que a legislação canadense considera contribuinte o consumidor, enquanto que o comerciante é apenas o mandatário, a quem a lei atribui o dever de fazer o recolhimento do imposto. Com certeza, esse é um conceito mais apropriado à educação fiscal para a cidadania.

José e Maria são casados e como muitos brasileiros não pagam imposto de renda porque estão na faixa de isenção desse imposto; não pagam IPTU porque não possuem imóveis em seu nome; não pagam IPVA por não terem carro e não pagam IPI, PIS/COFINS, ICMS, ISS, porque não têm atividades comerciais em seu nome. Se perguntados se são contribuintes, com certeza responderão com “Não” cheio de convicção. José e Maria

entendem o termo contribuinte na sua acepção “técnica”. Em grande parte isso se deve à própria lei, que, ao atribuir ao comerciante a qualidade de contribuinte, acaba por excluí-los da relação tributária. Por isso, José e Maria não se veem como contribuintes. De algum modo, ficam de fora da relação que a lei estabelece entre o que é público e o que é privado. Porque não são contribuintes, acham que não contribuem. José e Maria podem ser apenas eventuais beneficiários dos bens e serviços públicos; não têm o que reclamar, e menos ainda do que reclamar.

José e Maria são os primos pobres da sua família e estão na faixa dos que têm renda familiar de 2 salários mínimos. Não se consideram contribuintes e acham que não pagam imposto. Mas pagam, e muito! Dos dois salários que recebem mensalmente, pouco menos de um salário corresponde a impostos indiretos pagos nos produtos que consomem. Enquanto isso, do lado dos mais favorecidos da família, o primo Simão e sua mulher Mara têm renda familiar mensal equivalente a 30 salários. Desses, cerca de 8 vão para

TÍTULO

No Brasil, a complexidade das regras de aplicação dos tributos foge da escala do razoável e desencoraja qualquer um a querer entender o que se passa no mundo dos tributos. Sabemos quando pagamos os impostos diretos. Mas nem sempre sabemos quando pagamos impostos indiretos.

CONSCIENTES DO NOSSO PAPEL

A falta de informação faz com que muitos brasileiros, sobretudo os menos favorecidos, não se vejam como contribuintes. Acham que são apenas eventuais beneficiários dos bens e serviços públicos; que não têm o que reclamar, e menos ainda do que reclamar. Não se consideram contribuintes e acham que não pagam imposto, que são isentos. Mas pagam, e muito! Proporcionalmente, até mais do que a parcela com maior renda da população.

PERTENCIMENTO

Entendemos a importância de esclarecer e despertar no cidadão o sentimento de pertencimento de tudo que é arrecadado via impostos. É esse sentimento que gera mais cobrança e fiscalização de como são empregados os recursos arrecadados em São Paulo. Uma postura fundamental para conquistarmos mais transparência e gestões mais participativas e eficientes por parte dos nossos governos. E isso tudo você também sabe.

INSTITUIÇÕES COM INTERESSES EM COMUM

A Afresp propõe a criação de um grande movimento chamado SOMOS TODOS CONTRIBUINTEs. Uma bandeira de toda a sociedade. E sobretudo, daquelas instituições que lutam por mais transparência e eficiência na aplicação dos recursos arrecadados. Nas próximas páginas, conheça a campanha e entenda como você pode participar conosco.

o Estado sob a forma de impostos indiretos. A família de Simão paga 8 vezes mais impostos indiretos do que a de José, mas, proporcionalmente à renda, a família de José paga quase o dobro do que paga a de Simão. A isso se dá o nome de regressividade, problema típico dos impostos.

Para compensar a alta participação desses impostos na composição da carga tributária brasileira seria de se esperar que o problema da regressividade fosse compensado pela simplicidade das regras e pela transparência.

Saber quanto se paga de imposto e quem paga é importante para o amadurecimento da democracia e para o fortalecimento da cidadania. Todo imposto deve cumprir uma função social e, tanto quanto possível, deve retornar ao cidadão sob a forma de serviços públicos de qualidade. A aplicação da justiça, as redes viárias, os serviços de transporte público, os parques, os hospitais e as escolas públicas, a manutenção da ordem, o incentivo à cultura, a gestão da coisa pública, a definição de políticas públicas, os diversos instrumentos de controle sobre os negócios privados, todas essas coisas são exemplos de atividades da esfera pública financiadas por recursos privados por meio de impostos. Portanto, saber qual é a origem dos recursos e como eles são aplicados é fator importante para o amadurecimento da democracia e para o fortalecimento da cidadania. Ambos são temas da educação fiscal.

Se José e Maria tivessem a dimensão de sua contribuição para a constituição do espaço público, talvez se sentissem mais encorajados a aumentar seu exercício de cidadania, ganhar musculatura, ampliar seu leque de opções, eleger representantes que efetivamente os representem.



Ao comprarmos um sanduíche na lanchonete, estamos contribuindo para ampliarmos a linha de metrô.

Ao comprarmos frutas no supermercado, estamos contribuindo para a oferta de uma escola pública de qualidade.

Ao comprarmos um boné, estamos contribuindo para a construção de um viaduto.

Ao comprarmos um automóvel, estamos contribuindo para a compra de uma ambulância para o hospital público.

Ao comprarmos um sofá para nossa sala, estamos contribuindo para a instalação de um banco numa praça pública.

Ao comprarmos um simples pirulito para nosso filho, estamos contribuindo para a ampliação do sistema público de água e esgoto.

#SOMOSTODOS CONTRIBUINTES

O primeiro passo nesse caminho é aquele que aproxima o espaço privado do público, que de um vê surgir o outro. Dificilmente quem não se vê contribuindo para a formação desse espaço se sentirá encorajado a pensar sobre ele e a querer aprimorá-lo. Por essa razão, a Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo inaugura sua campanha em favor de um tema que considera fundamental para a educação fiscal, o primeiro passo na direção da cidadania: criar a consciência de que #somostodoscontribuintes.

Em todas as peças publicitárias da campanha, uma linha vertical divide um quadro retangular ao meio, delimitando, à esquerda, o universo do privado e, à direita, o universo do público. Entre um e outro, estabelece-se uma relação de continuidade entre um bem privado e um público, criando entre eles uma ligação quase orgânica. No meio disso, fazendo essa mediação, está o tributo. É ele que nos torna pessoas comprometidas com o bem comum. O tamanho da carga tributária, sua qualidade, a distribuição dos recursos e sua destinação são os elementos com que trabalha a cidadania. A traição à cidadania é o desvio de finalidade, que ocorre tanto sob a forma da sonegação quanto dos desvios de finalidade e do mau uso dos recursos, desvios que tornam privado o benefício que deveria ser público.

Através do tributo fazemos o exercício da nossa cidadania. Por meio dele, deixamos de ser uns contra os outros para sermos corresponsáveis por uma democracia mais forte e mais justa. Hoje, estamos praticamente impedidos de falar 'somos todos', qualquer que seja o complemento dado à frase. Num ambiente onde prevalecem as divisões, onde a regra é a desordem, qualquer enunciado com pretensão de abarcar a totalidade das pessoas parece artificial e inconsistente. Talvez nossas diferenças fossem menos acentuadas se déssemos um passo atrás para buscar no tributo um traço de união poderoso e simples quanto o da campanha que inauguramos. Na verdade #SomosTodosContribuintes.



Isso não impede de, razões de concorrência impostas pelo mercado ou mesmo distorções que quebram a neutralidade do imposto, impeçam o comerciante de repassar integralmente o valor do imposto recolhido ao preço do produto. Essas questões, no entanto, em nada alteram a lógica do argumento apresentado.

CONHEÇA TODAS AS FASES DO MOVIMENTO SOMOS TODOS CONTRIBUINTES

FASE 1

ENDOMARKETING
& LANÇAMENTO



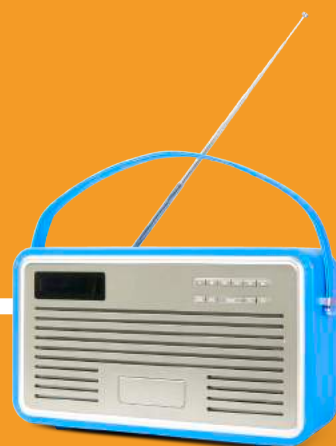
FASE 2

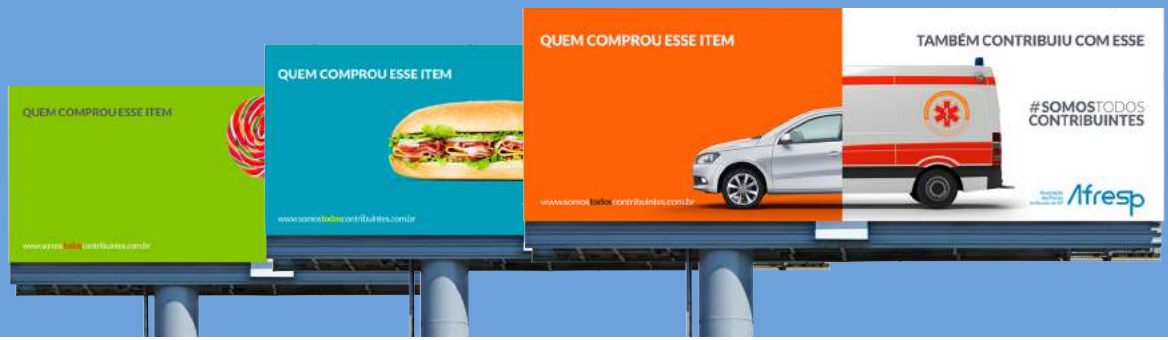
PARCERIAS &
ASSESSORIA
DE IMPRENSA



FASE 3

MOVIMENTO NA MÍDIA
E NAS REDES SOCIAIS





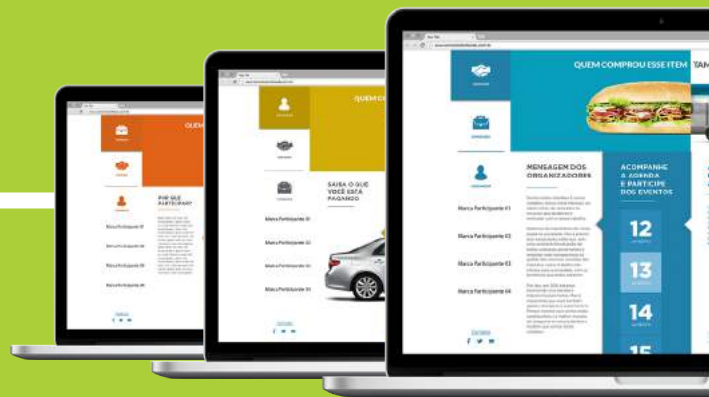
Sensibilização das equipes internas das instituições envolvidas com o projeto e início do diálogo com a sociedade, mostrando que temos um interesse único e comum: o bem-estar de todos e o desenvolvimento social.

Lançamento da hashtag e do hotsite do movimento: somostodoscontribuintes.com.br

#SOMOSTODOS CONTRIBUINTES

A partir do hotsite, o movimento está aberto para quem quiser apoiar a campanha. A ideia é que empresas e lojas apoiadoras tornem-se mídias extensivas, ampliando o alcance da mensagem.

Nesta fase, envolveremos também os principais jornalistas das áreas de economia, finanças, negócios e direito do consumidor.



Nesta fase, o movimento passa a valorizar também o dia 25 de maio, DIA NACIONAL DE RESPEITO AO CONTRIBUINTE, criando um motivo extra para a imprensa abraçar a campanha.



A campanha também invade as redes sociais, com posts divulgando a hashtag [#somostodoscontribuintes](https://twitter.com/somostodoscontribuintes).

UMA ALTERNATIVA À POUPANÇA

O Tesouro Direto é um investimento que se tornou o novo queridinho de quem antes guardava dinheiro na caderneta

Por Vanessa Zamprinho

Muitos investidores brasileiros têm uma relação de bastante carinho com a caderneta de poupança. Não sem motivo: é um dos investimentos mais antigos do país. Foi criada por um decreto de Dom Pedro II em 1861 e, desde então, é vista como reserva financeira para quem quer comprar um carro, imóvel ou até fazer aquela viagem de férias.

Quase dois séculos se passaram, as aplicações financeiras se diversificaram muito e, hoje, há uma grande variedade de investimentos à disposição, dos mais conservadores aos mais ousados. Embora a poupança ainda seja bastante popular, seu rendimento hoje não é atraente – em 2015 ela rendeu 8,15% no ano, abaixo da inflação, que foi de 10,67%, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

É aí que entra o Tesouro Direto: uma outra forma de investir seu dinheiro com segurança e rendimentos mais consistentes. Os motivos que o levaram a ser o novo queridinho do mercado são basicamente três: sua rentabilidade é maior que a da poupança; não sofre com as flutuações do mercado acio-

nário; e dá a certeza de receber o dinheiro de volta corrigido.

Assim, o número de investidores aumenta a cada ano. Com mais de 600 mil pessoas inscritas, o crescimento na quantidade de cadastrados no Tesouro Direto foi de 37% somente entre 2014 e 2015 – e a tendência é aumentar ainda mais. “As condições do mercado financeiro hoje tornam os títulos do Tesouro mais atraentes do que a poupança”, explica o economista e analista de finanças e controle do Tesouro Nacional, Eric Coda.

Mas ele não começou com essa fama toda. O Tesouro Direto, em parceria com a BM&F Bovespa, surgiu em 2002 como uma opção para pessoas físicas também terem acesso aos títulos públicos sem intermediários – por isso o Tesouro se chama “direto”. Antes disso, a população só tinha acesso a eles por meio de instituições financeiras, como fundos de investimento e bancos, que podiam comprar esses papéis do Tesouro Nacional. “Esse programa beneficia pequenos investidores, que podem comprar os títulos e ter as mesmas taxas de rentabilidade que os bancos têm”, conta Coda.



os rendimentos em qualquer lugar, a qualquer hora. “Nós nos preocupamos em fazer o site do Tesouro Direto mais acessível, mudando os nomes dos papéis e explicando o que são para ajudar no seu entendimento”.

E não é difícil começar a investir nesse novo mercado. Primeiro, vá ao site do Tesouro Direto (www.tesouro.fazenda.gov.br). Você precisa se cadastrar em uma das instituições financeiras autorizadas a fazer a intermediação entre você e o Tesouro – você inclusive pode fazer esse cadastro no banco no qual você já tem conta. Algumas instituições não cobram taxas de administração. “Mas é importante ver quais serviços elas oferecem em troca”, avisa Coda.

Assim que efetuar sua inscrição, você receberá uma senha provisória da BM&F Bovespa, com a qual poderá acessar a área restrita do site do Tesouro Direto. Troque a senha provisória pela definitiva e tenha acesso aos títulos disponíveis – além de todas as movimentações da sua conta, como saldos e extratos.

PERFIL DOS INVESTIDORES

Homens: 77,6%
Mulheres: 22,4%

Faixa etária

Até 15 anos: 0,5%
De 16 a 25 anos: 6%
De 26 a 35 anos: 33,3%
De 36 a 45 anos: 27,2%
De 46 a 55 anos: 16%
De 56 a 65 anos: 10,7%
Maior de 66 anos: 6,3%

Por região

Norte: 1,6%
Nordeste: 7,6%
Centro-Oeste: 7,3%
Sudeste: 69,1%
Sul: 14,4

EMPRESTAR DINHEIRO PARA O GOVERNO

Quando você compra um título público, é como se emprestasse dinheiro ao governo. Em troca, ele emite um certificado de que esse empréstimo foi feito e que o investidor receberá o dinheiro de volta com uma remuneração, dentro de um período de tempo. O que o sistema do Tesouro Direto fez foi aproximar a pessoa física dessa modalidade de investimento, e deixá-la escolher qual título é o mais adequado, e em quanto tempo ela terá o dinheiro de volta.

Os papéis do Tesouro Direto são considerados muito seguros, 100% garantidos pelo Tesouro Nacional – bem ao estilo de grande parte dos brasileiros (veja box ao lado). “O perfil do investidor do Brasil é mais conservador. Ele procura um investimento que lhe dê a segurança do retorno do seu dinheiro”, diz o analista Eric Coda.

Os processos de compra e venda de títulos são todos feitos pela internet – o que facilita muito a vida de quem quer acompanhar

A PARTIR DE R\$ 30

Sim, isso mesmo: a partir de R\$ 30 ou 1% do valor do título são necessários para começar seu investimento. Você pode efetuar a compra de duas formas: pelo valor financeiro dos títulos ou a quantidade que pretende adquirir. Por exemplo: um dos títulos vale R\$ 1000,00. Já que 1% dele corresponde a R\$ 10,00 (portanto, abaixo do valor mínimo), o investidor somente poderá pagar a partir de R\$ 30,00. O próprio sistema do site já faz os cálculos de quanto ele pode investir.

São três os tipos de títulos disponíveis do Tesouro Direto (ver box ao lado), com regimes diferentes de rendimento e períodos de resgate – que variam de quatro a quase 40 anos. Mas isso não significa que o dinheiro ficará “preso” por todo esse tempo. O investidor pode vender os títulos de volta ao governo a qualquer momento, e a disponibilidade do dinheiro é quase imediata (no máximo, dois dias depois). “Antes, os títulos poderiam ser vendidos somente uma vez por semana”.

Isso não significa que o investimento será perdido. Embora os títulos do Tesouro Direto sejam de renda fixa (quando já se estabelece como ele será remunerado), se o investidor precisar vender seus papéis antes do vencimento, o valor pode ser diferente daquele que havia sido contratado. Não há um período de carência nem limite de resgate. De qualquer forma, o retorno é garantido. “Ele estará com o dinheiro no investimento mais seguro do mercado”, finaliza Coda. 📌



CONHEÇA OS TÍTULOS DO TESOURO DIRETO

Os títulos do Tesouro Direto são de renda fixa: antes de você comprá-los, você decide o quanto eles serão remunerados em um determinado período de tempo. Há três tipos de títulos do Tesouro Direto:

PRÉ-FIXADO: o percentual de rendimento fica fixado desde o momento da compra até o fim do período;

TESOURO IPCA+: o rendimento do título é vinculado à variação do IPCA (o índice de inflação oficial do Brasil), e conta com o acréscimo dos juros definidos na hora da compra. É uma forma de proteger os rendimentos da inflação;

TESOURO SELIC: a taxa de rentabilidade é a Selic (os juros básicos da economia). Essa forma é válida se o investidor acredita que a Selic ficará alta nos próximos anos.

Vale lembrar que, por ser um título de renda fixa, os títulos do Tesouro Direto estão sujeitos à incidência do Imposto de Renda na hora do resgate. Mas os percentuais são regressivos:

22,5% para aplicações com prazo de até 180 dias;

20% para aplicações com prazo de 181 dias até 360 dias;

17,5% para aplicações com prazo de 361 dias até 720 dias;

15% para aplicações com prazo acima de 720 dias.

COMO FUNCIONA?

Você acessa o site, escolhe o título e o deixa rendendo. No final, você consegue um montante maior do que teria se o dinheiro estivesse na poupança.



SE TEM MAPFRE RESIDENCIAL, TEM JEITO.

O inesperado mora em nossas casas. Tem fiação mal feita, cunhado desastrado ou até aquele dia ruim. Mas se tem **MAPFRE Residencial**, tá resolvido: cobertura completa contra roubos e acidentes e até para o seu carro.

Fale com o seu corretor e peça MAPFRE.



A Ouvidoria poderá ser acionada para atuar na defesa dos direitos dos consumidores, para prevenir, esclarecer e solucionar conflitos não atendidos pelos canais de atendimento habituais – Contato: 0800-775-1079 (horário comercial) ou pelo site www.mapfre.com.br; atendimento a pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800-982-7373; SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800-775-4545; atendimento a pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800-775-5045 (24 horas, sete dias por semana); MAPFRE Seguros Gerais S.A. – CNPJ 61.074.175/0001-38. Processo Susep nº 15414.004/192/2004-71 e Secundário nº 15414.001/935/2010-07. O registro destes planos na Susep não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Serviço de assistência da residência é prestado pela BRASIL ASSISTÊNCIA, CNPJ: 68.181.221/0001-47. Consulte mais informações e as condições contratuais do seguro na íntegra em nosso site (www.mapfre.com.br)



CAMINHO DE SANTIAG



Deserto e, ao mesmo tempo, procurado por pessoas de vários cantos do mundo. Longo e secreto. Um lugar de (in)certezas, encontros e descobertas. É um misto de emoções: fé, alegria, gratidão e surpresas.

Montanhas, campos abertos, flores, plantações de girassóis, trigo, milho e feno fazem parte do Caminho de Santiago de Compostela. Na verdade, não é apenas um, mas vários caminhos: Inglês, do Sudeste (Via de Prata), de Fisterra-Muxía, Primitivo, Português, do Norte e, o mais tradicional e conhecido, o Caminho Francês.

O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação, percorrida por milhares de pessoas de diferentes nacionalidades. “O propósito do Caminho depende de pessoa para pessoa. Algumas vão por motivos religiosos e espirituais; outros visam um desafio físico, e existem aqueles que analisam a parte artística, histórica e cultural. Mas, apesar de irem por motivos diferentes, todos acabam sendo tocados de uma maneira especial, além de ter uma experiência de amizade muito bonita”, explica Ricardo Bricio Soeiro Rodrigues, da Associação de Confrades e Amigos do Caminho de Santiago de Compostela, em São Paulo.

Localizada no noroeste da Espanha, Santiago de Compostela nasceu como um pequeno núcleo de monges custódios em torno do sepulcro do Apóstolo Tiago, por volta do ano de 820. O desenvolvimento da cidade na Idade Média se deu graças ao auge europeu das peregrinações,

que a converteu em um dos maiores centros da Cristandade.

Considerada a terceira maior do cristianismo, junto com Roma e Jerusalém, a rota Jacobeba (de Jacob, Tiago em latim) foi intensamente percorrida nos séculos XI e XII. Já no século XVII, o caminho caiu no esquecimento e apenas a partir da primeira metade do século XX o trajeto foi sendo redescoberto.

UM CAMINHO SAGRADO

Diz a lenda que, no ano de 813, um pastor da Galícia, o Pelayo, viu uma chuva de estrelas que indicava a localização de um túmulo no monte Libradón, onde mais tarde surgiria Compostela. “O caminho começa com a descoberta dos restos mortais do apóstolo Tiago, que andou ao lado de Cristo. Os restos foram descobertos por volta do ano de 820 por um pastor da região da Galícia, que observou uma chuva de estrelas diferentes”, relata Ricardo Rodrigues.

Conta-se que, seis anos após a crucificação de Cristo, Tiago viajou para a Península Ibérica para pregar a fé nos reinos ao norte da Espanha. O apóstolo foi decapitado em 44 a mando do rei Herodes Agripa, na Palestina. Por ser um mártir – pessoa que morre por



Análises, questionamentos e planos são despertados nesta incrível jornada

Por Thalita Azevedo



Arquivo pessoal de Otavio Fineis



Catedral de San Salvador

Fonte: divulgação

suas fé religiosa, o corpo de Tiago foi levado até a região da Galícia, província do império romano. Surge a dúvida sobre como o seu corpo teria sido transportado até lá, considerando que o transporte foi feito por mais de 3 mil quilômetros de distância. Relatam que o barco usado não tinha leme e nem velas, mas seguiu o seu rumo. Junto à sepultura, foi erguida uma pequena capela e sob o altar ficaram as relíquias de Santiago. O local do sepultamento do apóstolo São Tiago foi descoberto, há 800 anos, por cristãos e tornou-se a meta de um dos três itinerários mais percorridos pela cristandade.

MILHARES DE PEREGRINOS PERCORRERAM AS ROTAS

No mês de janeiro de 2016, o Caminho atraiu 1.304 peregrinos, sendo 411 mulheres e 893 homens. Não importa como você vai chegar: a pé, de bicicleta ou a cavalo, o que importa é passar por todas as etapas. “O caminho é repleto de histórias de pessoas que vão em um momento crucial da vida ou em um momento de mudança. Ele é uma oportunidade para fazer um balanço de vida ou da profissão”, relembra Ricardo.

Segundo dados estatísticos da Catedral de Santiago de Compostela, a Coreia é o país que mais tem peregrinos na região, registrando em janeiro 170 coreanos (23,45%), seguida da Itália com 86 peregrinos (11,86%). Do total de peregrinos que visitaram o local em janeiro, 725 eram estrangeiros (55,60%) e 579 espanhóis (44,40%).

O escritor Albino Neves conta, em seu livro *Viajantes da Via Láctea – Uma aventura no Caminho de Santiago*, que, de repente, começou a ser atraído pelo Caminho de Santiago de Compostela. “Sem saber o porquê, aquela força se apossava de mim aceleradamente, a cada instante, e aumentava na mesma proporção. Desde que resolvera percorrer o caminho, propusera-me a uma busca solitária. Busca da essência de meu próprio ser, cuja bússola de orientação não fixava nenhum ponto definido, mas abria latitudes e longitudes de minhas estranhas e de meu horizonte mental”.

Considerado um Patrimônio da Humanidade, o Caminho de Santiago é uma mistura de tradições, costumes e de arquitetura nova com a antiga. Um verdadeiro fascínio para aqueles que têm a possibilidade de sair de suas vidas cotidianas e passar de 35 a 40 dias caminhando. “O Caminho de Santiago é uma coisa física. É uma experiência simples e que qualquer um pode fazer. Não é cansativo – há dias em que se fica horas no shopping e se anda muito mais do que durante um dia no caminho. Ele te ajuda a se organizar porque você é obrigado a andar. Você muda de cenários, tem uma rota e, todos os dias, enfrenta novos desafios”, analisa o escritor Paulo Coelho.



POR ONDE COMEÇ

As opções são várias e as escolhas dependem apenas de você. Quantos dias tem para fazer a peregrinação? O planejamento é essencial! Existem várias rotas e o itinerário mais procurado é o **Caminho Francês**, escolhido por 80% dos peregrinos. Com 775 km, o Caminho começa em Saint Jean Pied de Port, na França, e cruza toda a Espanha. É o caminho que mais tem albergues (públicos e privados) e demais serviços. O primeiro itinerário completo foi desenhado pelo clérigo Aymeric Picaud no século XII e poderia ser considerado o primeiro guia cultural e turístico da Europa. “Com a grande quantidade de peregrinos, foram construídos albergues, vilarejos e cidades para servir de apoio para as pessoas que vinham caminhando da França até Santiago de Compostela”, explica Ricardo, da Associação.

Caminho Primitivo é considerado a primeira rota de peregrinação (252 km) e também a mais antiga. Esse Caminho foi o itinerário mais frequentado pelo povo ásturo-galego durante o século IX e boa parte do X, e atraiu também peregrinos de outras partes do norte da Espanha e Europa. A rota de Oviedo até o Caminho de Santiago continuou sendo uma alternativa para os peregrinos devotos da grande coleção de relíquias da catedral de San Salvador de Oviedo e da catedral de Lugo.

Caminho do Norte (814 km) começa em Irún, no País Basco, e encontra o Caminho Francês na cidade de Arzúa. A rota era percorrida por reis na Idade Média e ganhou relevância nos alvores das peregrinações quando a capital do reino passa



CAR?

de Oviedo para León. O caminho do Norte surgiu quando o monarca Afonso II, o Casto, teria viajado até Compostela para confirmar a notícia da aparição dos restos do apóstolo Santiago e mandar construir a primeira igreja.

Caminho Português (114 km) começa na fronteira da Espanha com Portugal. Porém, pode começar no Faro ou em Lisboa.

Caminho Inglês tem duas alternativas de percurso: da Corunha, que é mais curto, com apenas 74,8 km; e do Ferrol com 118,39 km. A peregrinação jacobea atraiu, na Idade Média, pessoas de toda a Europa e consolidou o que conhecemos hoje como Caminho Inglês.

Caminho de Fisterra - Muxía é o Caminho jacobeu que mais expressa o grito histórico do peregrino 'Ultreia!' (Mais Além!). A história da rota foi uma mistura de paganismo e posterior processo de cristianização. A partir do século XII, o Códice Calixtino já vincula este Caminho à tradição jacobea. Em Fisterra e Muxía, há duas devoções religiosas populares da Galiza: o Santo Cristo de Fisterra e o Santuário da Virxe da Barca de Muxía.

Via da Prata (Caminho Sudeste) une o espírito sulista das terras andaluzas e estremenas ao finisterre galaico. O caminho tem dois itinerários a partir da localidade da Gudiña até a cidade de Ourense: a rota mais tradicional e utilizada pelos peregrinos é Vereia Sur, por Laza; e a alternativa passa pelo vale de Monterrei até Verín.



Arquivo Pessoal de Valter Gama



RECORDAÇÕES DE 1998, POR JOSÉ CARLOS FRANCO FERNANDES

“Era dia 18 de agosto de 1998 quando cheguei em Madrid. A caminhada começou no dia 20, em Saint Jean Pied de Port até Roncesvalles. Era quinta-feira, às 7h30 da manhã, e ainda precisávamos tomar café da manhã. Uma das voluntárias do albergue comentou que desde às 7h já havia na cidade estabelecimentos que serviam o café da manhã. Não era verdade. A cidade é muito pequena e, apesar de saber que não havia lugares para comer, existiam duas fontes onde poderíamos abastecer o cantil.”

Até o dia 25 de novembro de 1997, o fiscal aposentado José Carlos Franco Fernandes desconhecia a existência do Caminho de Santiago de Compostela. “Assisti ao Globo Repórter e aquele lugar me chamou a atenção. Meu avô contava algumas histórias de Santiago”, lembra o colega.

Com 67 anos, José Franco caminhou durante 34 dias e descansou apenas 2. “A preparação aconteceu por 8 meses, andei todos os dias e ainda levava uma mochila de 15 kg para enfrentar o trajeto. Parti de Saint Jean Pied de Port e o caminho é bem tranquilo, apesar das bolhas nos pés. Conheci pessoas e fiz amizades que duram até hoje, como é o caso do amigo José Carlos Meireles [também fiscal]”, conta.

Tinha como missão agradecer por sua vida ter transcorrido bem. “Lembro que participei de uma missa belíssima com o padre Xavier, que deu uma bênção aos peregrinos em diversas línguas”.

TUDO DENTRO DE 8 KILOS

1. **Prepare-se fisicamente** (não precisa ser esportista, mas é necessário ter um preparo físico. Caminhar diariamente ajuda e, se puder, use botas para que os pés se acostumem com o formato).
2. **Faça um check-up** (procure um médico – ortopedista, dentista, cardiologista, nutricionista - e faça exames de rotina).
3. **Aprenda a viver com o essencial** (leve o mínimo de roupas e utensílios pessoais na mochila. O recomendável é que o peso da mala não ultrapasse 10% da massa corporal do viajante).
4. **Respeite o seu limite** (todos os dias, terá que cumprir metas de caminhar, em média, 20 a 24 km. Se estiver cansado, descanse e recomece no outro dia. Lembre-se de que não é uma corrida).



Arquivo Pessoa de Otavio Fineis

EM ABRIL, CHUVAS MIL: OTAVIO FINEIS NO FIM DA TERRA

Neto de espanhóis e natural de Sorocaba, o AFR Otavio Fineis Junior, de 58 anos, caminhou 420 km em apenas 19 dias. “Havia um desafio pessoal. Além de agradecer a minha esposa por tê-la como minha companheira [35 anos] por todo esse tempo e ter me dado dois filhos indescritíveis, fazer o caminho foi uma forma de agradecer pela saúde recuperada após ter feito duas cirurgias na coluna vertebral, uma no pé e outra no joelho”.

Em abril, chuvas mil: a caminhada começou em abril de 2015 – de León a Santiago de Compostela, e Fineis aproveitou para fazer o trajeto de Compostela até Finisterra e Muxía, para aqueles que desejam conhecer o mar e ver o ‘Fim do Mundo’ ou o ‘Fim da Terra’. Foram 420 km em 19 dias e muita chuva pelo caminho. Sem perfil de peregrino tradicional e, principalmente, sem ter disposição para dormir em ambientes coletivos, ele escolheu fazer pernoites em pequenas pousadas e hotéis que ofereciam jantares e café da manhã. “No primeiro dia de caminhada, chegando a Villar de Mazarife, fui batizado com uma chuva de granizo e raios e sem ter onde me proteger. Naquele momento,

descobri a enorme fé em Santiago. Caminhei uma média de 22 km por dia. O trajeto diário mais extenso foi de 32 km, entre Rabanal de Camino e Ponferrada”, conta.

O AFR não fez nenhum preparo físico específico, mas procurou fazer seis horas de exercícios aeróbicos e de fortalecimento muscular por semana. Vale lembrar que, cada um tem o seu ritmo e dentro de suas limitações, o Caminho não é local de competição. “Lá, descobri que a motivação é muito mais importante que a resistência física. Encontrei inúmeras pessoas idosas, inclusive um padre canadense com mais de 70 anos; pessoas com deficiências motoras, grávidas e pais que faziam o Caminho com filhos pequenos”, completa.

A Cruz de Ferro é o ponto mais alto do Caminho Francês, localizado entre Rabanal del Camino e Ponferrada. Além disso, é considerado um dos lugares mais simbólicos do Caminho, a tradição faz com que os peregrinos depositem uma pedra na sua base e realizem seus pedidos.

5. **Use um cajado** (subidas e descidas fazem parte do cenário, por isso use um cajado, além de preservar os joelhos, auxilia a conter a velocidade e ajuda pegar impulso).
6. **Diferentes culturas** (pessoas de diversas partes do mundo buscam a rota de Compostela para refletir e aprender).
7. **Caminhe sozinho em alguns momentos** (isso permite se conhecer melhor; com a mente livre, sem os ruídos do cotidiano, abre-se caminho para o resgate de antigas lembranças).
8. **Controle a ansiedade** (o Caminho também é um exercício de paciência).



Arquivo Pessoal de Valter Gama

PEREGRINOS DE LUXO

“Diziam que éramos peregrinos de luxo porque não estávamos com vontade de ficar em albergues”, conta Valter Gama Calдини, o diretor Regional da Afresp em Guarulhos. Foram 15 dias convivendo com pessoas que tinham ritmos, intuítos e personalidades diferentes. Quando questionado sobre o que foi a viagem, Valter comenta que o Caminho foi um aprendizado. “A lição que eu levei foi justamente saber conviver com as distintas personalidades e pelo fato de cada um ter o seu objetivo. Eu tinha uma mistura: um pouco religiosa por minha família ter envolvimento com a igreja; e aspectos espirituais de desprendimento e de desafio. Mas tínhamos um objetivo em comum que era lembrar do colega AFR Dorival Pinto Rezende”.

Falecido em janeiro de 2015, Dorival foi o precursor do Caminho de Santiago para os AFRs. “O AFR Catulo fez, pela primeira vez, o Caminho de Santiago com o Dorival, e eles tinham combinado de voltar neste ano. O principal objetivo do colega era homenagear o Dorival. Eles já tinham feito a parte litorânea (a parte de Valência)”, relata. O grupo era composto pelos colegas AFRs (da ativa e aposentados) Aparecido Catulo Lourenço (59 anos), Eugênio Evandro Fernandes (51 anos), Roberto Augusto Martins (63 anos), Eduardo Braga (62 anos), Ruy Sarzedas (54 anos) e Valter Gama (46 anos).

Preparação de Valter Gama: o AFR fez uma preparação de 3 meses antes de percorrer o Caminho de Santiago. “Já fazia exercícios físicos, mas fiz uma preparação específica com um preparador físico e uma nutricionista. Além disso, todo fim de semana, andávamos [Valter e os cinco colegas] pelo menos 15 km em Cotia ou

no Núcleo Pedra Grande no Parque Estadual da Cantareira, zona norte de São Paulo.

Foram doze dias caminhando de León (província autônoma) até Santiago de Compostela (330 km) e cada dia tinha que andar 28 km. “É uma viagem tranquila porque ela tem suporte. O celular pega, há wi-fi, as acomodações são boas e aceitam cartões. Pegamos dias com muito sol (40°C), frio (-5°C), vento e chuva”, descreve Valter.

Conhecimentos adquiridos

“O pessoal aproveitou a passagem. Fomos muito ansiosos para chegar e você tem que aproveitar a viagem, o percurso e cada momento. Lá, não vale apenas os objetivos, mas o agora. Pensamos muito no futuro. Durante o Caminho de Santiago, você aprende que tem que saber viver o caminho da vida, ou seja, aprende a viver e não apenas passar pelo caminho. O caminho não é chegada. Pelo contrário, o Caminho é o caminho. Tem que aproveitar o percurso e não apenas passar sem olhar para os lados”, narra.

Valter comenta que, durante o Caminho, você aprende a levar apenas o necessário. “A outra metáfora da vida é: para que levar, se não vai usar? É a lei do desapego. Na vida, você leva apenas o essencial. Você começa a fazer uma análise do que é ou não essencial para você. Durante todo o caminho, nos perguntamos: Isso é essencial?”, questiona o colega. 📌



Arquivo Pessoal de Valter Gama

APLICATIVOS QUE VÃO TE AJUDAR NO CAMINHO DE SANTIAGO

Existem vários aplicativos para iPhones e Android, com dicas completas sobre os caminhos, de albergues, pousadas, hotéis e até monumentos. De fácil acesso, há alguns apps que orientam, mostram onde há médicos e ainda sugerem atividades que podem ser feitas naqueles dias em que está com muita dor e bolhas nos pés. Algumas sugestões são: miCamino (Android), Camino Santiago Guías (Android e iPhone), Caminhos de Santiago (iPhone), Camino de Santiago Buen Camino (iPhone e Android).



Walmart

marcas exclusivas

Bastão de Caminhada Nautika

Valor médio: R\$ R\$ 69,90

Lanterna Tática Policial Preto

Valor médio: R\$ R\$ 18,32



Camiseta ML Dryfit Gola Filete Fishing co. UFP 50

Valor médio: R\$ 94,00



NETSHOES

Jaqueta Asics Fleece

Valor médio: R\$ 107,91





Squeeze Camelbak Podium 610 ml
Valor médio: R\$ 59,99



Bota Nord Outdoor Safira
Valor médio: R\$ 124,99



Pochete Nord
Valor médio: R\$ 39,99



Bota Timberland Bridgeton
Valor médio: R\$ 399,99



Mochila Cargueira Nord 45 Litros
Valor médio: R\$ 459,99



Saco de Dormir Nautika Liberty
Valor médio: R\$ 124,99



Promoção válida apenas
nas lojas virtuais
www.centauro.com.br

LULA DESCOBRE QUE PEDESTAL NÃO TEM ELEVADOR



Josias de Souza é jornalista, trabalhou na Folha de S.Paulo e hoje é colunista do UOL.

Auge é um ótimo nome para hotel. “Onde você está?” “Ah, estou no auge!” O auge é também um bom lugar para ficar durante a posteridade. Mas reservar uma acomodação confortável na posteridade não é tão fácil quanto providenciar um quarto de hotel. Todos querem passar à história como Pelé, que soube escolher a hora de parar. O problema é que poucos conseguem identificar esse momento mágico. Lula perdeu sua hora!

A pessoa atinge o ápice, alcança o auge quando chega a um estágio da existência em que nada pode ser melhor no futuro. Nesse momento, o sujeito sente que é feliz como nunca mais será na vida. Normalmente, quer esticar a felicidade, para desfrutá-la ao máximo. E acaba transformando a coisa no seu excesso, deixando escapar aquele instante único em que é preciso largar tudo e tomar distância dos holofotes com a reputação intacta.

O auge começou a se insinuar para Lula em outubro de 2010, quando sua “poste”, Dilma Rousseff, elegeu-se presidente da República. Dali a três meses, o retirante que virou operário, fez-se sindicalista, reinventou-se como dirigente político e consagrou-se na Presidência da República, acomodaria a faixa sobre o ombro da sucessora que escolheu. Em 1º de janeiro de 2011, dia da posse de Dilma, Lula encontrou-se com o auge. Desceu a rampa do Planalto cavalcando uma popularidade de 83%.

Lula tinha diante de si duas avenidas. Numa, ele subiria a um patamar superior, reservado aos sábios da tribo, que atuam acima das contingências e mesquinhas da vida. Noutra, desceria ao verbe da enciclopédia como o primeiro presidente que, tendo feito o sucessor, permaneceu na cena pública com um projeto político pessoal. Optou pela segunda via. Desde então, desempenha o papel de pardal de si mesmo, sujando com desenvoltura a testa de sua estátua de bronze.

Num depoimento feito em 1989, que Ronaldo Costa Couto eternizou no livro *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura*, Lula dissera o seguinte:

“E depois tem outra coisa: o medo de largar o poder. As pessoas gostam do poder. O poder é uma coisa muito filho da p***¹. As pessoas dizem que estão cansadas, que estão velhas, que trabalham muito, mas ninguém larga o poder. E eu acho que os militares gostaram do poder.”

Duas décadas mais tarde, ao tropeçar no auge, Lula virou uma comprovação civil da tese que formulara para explicar a longevidade da ditadura militar. Com três diferenças: 1) o poder militar não tinha votos; 2) nenhum general se animou a dar palpites sobre o governo do sucessor; 3) não há notícia de quepe que tenha tentado voltar à Presidência.

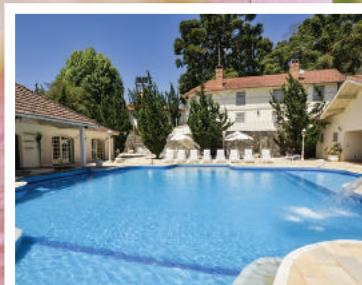
Hoje, Lula olha para 2018 como uma caricatura do que já foi. Em 2006, reelegeu-se nas pegadas do mensalão. Em 2010, carregou Dilma nos ombros. Em 2014, a despeito do estrago que a Lava Jato começava a produzir, reeletrificou Dilma. Mas precisou da ajuda da marquetagem anabolizada de João Santana, que, antes de fazer escala na cadeia, dedicou-se a transformar a política em mais um ramo da publicidade.

A plateia olha para Lula de esguelha. O petróleo explodiu no colo de Dilma. Mas todo mundo já percebeu que o óleo queimado começou a escorrer da Petrobras na gestão Lula. Para piorar, o morubixaba do PT meteu-se em aventuras imobiliárias que transformaram sua ex-presidência em matéria-prima de inquéritos policiais. Lula faz pose de perseguido. Não cola mais.

Seu amigo José ‘Pepe’ Mujica passou pela Presidência do Uruguai e elegeu o sucessor sem enfiar escândalos em sua biografia. No poder, doou 70% do seu salário para a construção de casas populares, continuou pilotando seu velho fusca e se manteve no casebre do seu sítio, que divide com a cadela Manuela. Fora do poder, onde está Mujica? No auge! Quanto a Lula, depois de ter perdido seu instante-Pelé, ele descobre que pedestal não tem elevador privativo para a descida. ①

¹ NE: Supressão realizada pelo editor.

A AFPEsp convida você para aproveitar o **melhor do lazer!**



Moinho Velho AFPEsp - Monte Verde



AFPEsp - Avaré



AFPEsp - Ubatuba

Seja um associado e surpreenda-se!

São **16 Unidades de Lazer** nas tradicionais cidades turísticas litorâneas e urbanas de São Paulo e Minas Gerais.

- Amparo • Appenzell Campos do Jordão • Areado • Avaré • Campos do Jordão
- Caraguatatuba • Guarujá • Itanhaém • Lindóia • Moinho Velho Monte Verde
- Poços de Caldas • São Pedro • Serra Negra • Socorro • Termas de Ibirá • Ubatuba

O associado AFPEsp conta ainda com atividades e parcerias exclusivas nas áreas de cultura, turismo e esportes, além de muitas outras opções para curtir com toda a família!



Reserva com total comodidade pelo sistema on-line da AFPEsp, disponível 24 horas por dia, sem sorteio e em até **10x sem juros** nos cartão de crédito.

Privativo para associados.



Para se associar:

Capital e Região: (11) 3105-9666
Demais localidades: 0800 726 9666



www.afpesp.org.br
0800 771 71 44



JOSÉ ROSA ALÉM DO ICMS

Os fiscais conhecem o colega José Roberto Rosa da Escola Fazendária. Mas suas (várias) atividades transcendem o universo tributário paulista

Por Vanessa Zampronho

Conversar com José Roberto Rosa é desvendar quando ele fala sério ou faz alguma brincadeira. Afinal, com o mesmo semblante solene de Agente Fiscal de Rendas, professor ou juiz do TIT, ele briga pelo direito das crianças, faz alguma crítica ao sistema tributário nacional, mostra como funciona o ICMS e também pode, sem a menor cerimônia, fazer uma graça com futebol, o calor, ou qualquer outro assunto.

O multitarefa Zé Rosa, como é mais conhecido, além de AFR, foi professor da Escola Fazendária (Fazesp), e continua como instrutor de cursos preparatórios para concursos, além de ser autor de cinco livros, diretor da Pastoral do Menor de Sorocaba, coordenador do Fundafresp (Fundo de Assistência Social da Afresp), pai e avô. Hoje ele é aposentado, o que poderia lhe dar um pouco mais de tempo.

Poderia. Mas não é o caso. Essa rotina atribulada vem desde a juventude, junto com seu carisma – digamos que foram essas características as responsáveis por torná-lo uma (quase) unanimidade entre os colegas.

Quase. “Em 1988 fui convidado para ser chefe do Posto Fiscal de Itu. Fiquei lá até 1990, mas briguei com o inspetor e aceitei um convite para ir para a Escola Fazendária. Foi ótima aquela briga, porque me abriu outros caminhos”, conta Zé Rosa. Mas a história dele não começa assim.

Aliás, essa história não dá para ser contada de forma linear. Com tantas atividades simultâneas, as coisas simplesmente foram acontecendo. Vamos começar pela cidade onde nasceu – e como foi parar em Sorocaba.

TERRA RASGADA

O ariano José Roberto Rosa nasceu no dia primeiro de abril em uma cidade bem mais ao sul de São Paulo, “na grande Pariquera-Açu, no Vale do Ribeira”, como ele diz. Aos cinco anos de idade, “subiu a serra” e foi para Sorocaba. Seu pai entrou na fiscalização em 1966 e começou a trabalhar em Tatuí. Lá a família morou por dois anos, quando decidiu voltar para Sorocaba, “terra rasgada”, na língua tupi – significado lembrado por Rosa em um tour pela cidade com a reportagem. “Meu pai tem 89 anos e é vivo ainda, graças a Deus”, lembra.

Único filho da família – suas quatro irmãs nasceram depois dele – o jovem Zé Rosa já era ligado aos grupos de jovens da Paróquia do Divino Salvador, que tinham uma atuação social bastante forte desde então. Foi o que despertou nele a vocação de realizar trabalhos voluntários voltados às crianças e adolescentes. “Naquela época, a igreja tinha uma vertente social muito forte, com a opção preferencial pelos pobres. Isso motivava muito a gente”.

Mas a igreja teria outra participação bastante especial na sua vida. Em um dos grupos de jovens, ele conheceu Maria Aparecida, a Cidinha, com quem se casou em 1977. Antes de casar-se, um dos seus primeiros trabalhos foi como redator esportivo em um jornal de Sorocaba e, depois, trabalhou em escritório de contabilidade. Foi o que o ajudou a entrar na carreira fiscal, alguns anos mais tarde. “Entrei nesse escritório sem conhecer nada, e aprendi no dia a dia com o trabalho. Foi esse conhecimento que me ajudou a passar no concurso”. Mas ainda não foi dessa vez que ele se tornou Agente Fiscal de Rendas.

Nesse meio tempo, ele iniciou e terminou a faculdade de Administração – seu único curso superior em toda a vida. Foi quando, já casado, passou no concurso de técnico administrativo, e mudou-se para Bragança Paulista – onde nasceram seus dois filhos, Thiago e Felipe.

A fiscalização só apareceu no caminho de Rosa no concurso para AFR em 1979. Mesmo depois de ter sido aprovado, somente em 1983



foi nomeado. Começou sua carreira em Itu, onde ficou por dois anos, e resolveu voltar para Sorocaba. “Eu não achava que tinha vocação para ser fiscal, mas, quando comecei a trabalhar, vi que tinha. Gostava muito da fiscalização externa porque o aspecto investigativo da fiscalização, de descobrir a fraude, me agradava muito”.

Um de seus primeiros trabalhos foi ficar na beira da rodovia Castelo Branco, durante o dia ou à noite, fiscalizando a carga de caminhões. Nessa época, ele colecionou mais de mil autos de infração. “Minha cadernetinha preta [onde ele anotava as infrações e mostrava para o chefe de posto protocolar] ficou cheia”. Foi convidado para ser chefe de Posto Fiscal em Itu, cargo que exerceu por dois anos, até o episódio da briga com o inspetor lá da primeira página.

ROSA PROFESSOR

Mas a briga não abalou a carreira de Zé Rosa: ela o fez descobrir outro dom, o de ensinar. Aceitou o convite da Escola Fazendária para ser instrutor de mais de 1200 fiscais, aprovados em 1986, que foram chamados para trabalhar na fronteira. “Daí que todos os fiscais me conheceram. Essa primeira parte da década de 90 foi muito intensa, com aulas em 16 turmas simultâneas”, lembra – dá até um certo cansaço só de imaginar.

Foram 24 anos de Fazesp. Indo e voltando todos os dias para Sorocaba – somente nos dez últimos anos que ele passou a ficar alguns dias em São Paulo, quando também foi juiz do TIT (Tribunal de Impostos e Taxas). E nunca quis morar na capital. “Não gostava de São Paulo, tinha medo. Hoje eu gosto, mas demorei muito para conseguir andar sozinho pela cidade, porque eu não conhecia direito. Sou muito ligado a Sorocaba”.

Assim, a ponte rodoviária Sorocaba-São Paulo (e entre outras cidades onde dava aulas) era quase sempre feita de ônibus. “Deus me deu o dom de dormir no ônibus. Assim eu descansava um pouco na viagem [risos]”, brinca.

Mas o professor Rosa não deixou de lado o trabalho social com a infância e juventude. Mesmo com uma rotina atribulada, viajando – e dormindo entre as viagens – ele conheceu, em 1996, a filosofia da Pastoral do Menor. “Eu vi na Pastoral uma chance de viver a minha fé cristã na maneira que eu acredito mais, que é com envolvimento social”.

ENGAJAMENTO

Ele ficou quatro anos no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente em Sorocaba e participava das reuniões uma vez por semana, até que achou que poderia fazer mais. “Fiquei um pouco cansado [risos], mas cansado no sentido de que era muita reunião e pouco resultado. Então, sem deixar de lado a luta estratégica pelas políticas públicas, achei que era hora de partir para um trabalho direto, de atendimento mesmo, às crianças e adolescentes. Foi quando, em 2002, começamos a Pastoral

do Menor com atendimento direto à criança”.

Já naqueles tempos as coisas já não eram fáceis. “Quando nós começamos, nas favelas, havia muita precariedade. Então a gente começava em espaços improvisados, como dava, porque precisava, com urgência, tirar a criança da situação de risco. Não tinha como você fazer um prédio – a gente dizia que era a ‘Pastoral do Puxadinho’”.

O que antes começou com três funcionários e uma parceria com uma entidade já constituída, hoje conta com quase 2 mil crianças e adolescentes atendidos em 15 bairros de Sorocaba. Mas isso não significa que as coisas tenham se tornado mais fáceis. “O nosso desafio é, sem perder a mística e o carisma da entidade, se profissionalizar. O nível de exigência dos órgãos fiscalizadores é muito grande. Somos fiscalizados por muita gente”, explica. A reputação da Pastoral em Sorocaba é tão grande que um dos carros da instituição, doado pela Toyota quando se instalou no município, foi o primeiro que saiu da linha de produção da montadora.

Mas, para variar, o trabalho social de Zé Rosa não se limitou a coordenar a Pastoral do Menor. Em 1995, já na Fazesp, soube do Fundafresp e participou da segunda reunião logo quando a comissão do Fundo foi formada. “Quando eu soube da ideia, me apaixonei e me agreguei. Já desde o começo achei o Fundafresp uma ideia sensacional, que é cada um doar um valor tão pequeno, mas juntando isso...sempre vejo como uma atitude de classe: no sentido de ser classe dos Agentes Fiscais de Rendias, e de classe no sentido de ser uma coisa fina, bacana”. Hoje, é coordenador do Fundo, e procura divulgar o trabalho especialmente para os AFRs mais jovens, para que eles também possam fazer a diferença na sociedade.



BRILHO NOS OLHOS

Por falar em fazer a diferença, ele fala com orgulho do trabalho da Pastoral do Menor. Naquele tour que ele fez com a reportagem – que citamos lá no começo deste texto – ele é um guia turístico incomum que, em vez de somente falar dos pontos mais conhecidos de Sorocaba, conta a história dos bairros que possuem núcleos da Pastoral. “Quando se falava no Habiteto [um dos bairros da cidade], as pessoas tinham medo porque era muito perigoso, com alto índice de violência. As crianças iam para a escola e não faziam mais nada, e corriam o risco de entrar na vida do crime. Hoje tem fila de espera de mães que querem matricular seus filhos aqui”.

A reportagem visitou o Centro Educacional Comunitário do Habiteto que, segundo Rosa, é o maior entre os 15 existentes e atende 310 crianças e adolescentes. É hora do almoço, o dia está bastante quente, e os atendidos têm horários certos para frequentar o refeitório. Na ocasião, as crianças já tinham almoçado. Elas se levantam, vão até a entrada e recebem os visitantes com um caloroso “boa tarde, seja bem-vindo!”. Não tem como não se emocionar com tamanho carinho.

Com a desinibição pela qual é conhecida, Rosa apresenta as instalações do Centro Comunitário. Entusiasmado, fala das atividades que os atendidos têm na Pastoral e lembra que, frequentemente, alguns deles se tornam “tios” (instrutores) das turminhas que estão começando. São exemplos vivos de que o trabalho social naquela região realmente funciona.

Muitas crianças e adolescentes não resistem e abraçam Zé Rosa quando o veem. Sabem que, por trás da estrutura da Pastoral, está um AFR aposentado, de cabelos grisalhos, usando óculos, sempre estampando um sorriso. “Um deles veio me perguntar se eu era dono da Pastoral. Imagina! Disse ‘não sou dono nada, vocês que são donos’”. Mas esse seu trabalho não o afetou somente no sentido de poder fazer algo para a sociedade. O destino fez de Rosa pai pela segunda vez.

ADOÇÃO

Rosa já era pai de dois filhos, estava na Pastoral do Menor, no TIT e na Fazesp. Sua esposa era coordenadora pedagógica de uma escola em Sorocaba. Entre os alunos da instituição, duas meninas chamaram a atenção: Karen e Pamela, que moravam em um abrigo e estavam extrapolando a idade limite de permanência lá. “Como eram duas irmãs era difícil de serem adotadas. Nós não pretendíamos ter mais filhos, foi uma outra experiência daquelas que acontecem na vida da gente, e adotamos as duas no ano 2000”, lembra.

Há seis anos, Rosa tornou-se avô: sua primeira neta, Letícia, é filha de Thiago. Em março, mais um neto juntou-se à família: nasceu João, filho de Felipe. Zé Rosa mostra as fotos dos netos sempre que pode, com aquele orgulho de avô coruja. Rosa mostra uma foto de João, com dois dias de vida, sentado em uma cadeirinha. “Mas como essa criança é esperta hoje. Tem dois dias e já está sentado”, diz, sorrindo.



FUTEBOL, TV E SERTANEJO DE RAIZ

Mas nem tudo são horas e horas de atividades puxadas todos os dias. A playlist de Rosa tem quase um pouco de tudo. “Ah, eu escuto pop, MPB, rock...mas se tem uma música de que eu gosto muito é o sertanejo de raiz”.

- “E qual é a dupla da qual você mais gosta?”, pergunta a reportagem.

- “Ah, Cascatinha e Inhana em primeiro lugar. ‘Índia, seus cabelos nos ombros caídoooooos...negros como a noite que não tem luar...’”, começa a cantarolar. “Em segundo lugar, Pena Branca e Xavantinho. Gosto mesmo desse sertanejo de raiz”.

[Em tempo: Cascatinha e Inhana foi uma dupla sertaneja muito conhecida na década de 1960. Além de *Índia*, tem outros sucessos como *Colcha de Retalhos* e *Meu Primeiro Amor*].

Outra grande paixão de Rosa é o futebol. Adora ver os jogos do Santos e do São Bento de Sorocaba. “Santos Futebol Clube, o melhor time do mundo, mas quase não vou ao estádio ver jogo do Santos. Se eu estou aqui [em Sorocaba], vou aos do São Bento direto. O São Bento é outra paixão futebolística. São Bento, o melhor time do interior”. Mas Rosa não ficava só assistindo aos jogos sentado no sofá ou torcendo pelo São Bento no estádio. Quando estava na fiscalização, jogou em vários campeonatos estaduais da Afresp no time de Sorocaba. “Eu era volante marcador de contenção, mas o time não era muito bom não”, lembra.

Além do futebol, Rosa coleciona selos. “Mas a coleção anda meio parada porque, depois que os fiscais começaram a ter teto salarial, não deu para comprar muito selo [risos]”. Há mais ou menos 15 anos ele se dedica a colecionar selos com temas específicos: infância e de pessoas trabalhando. Mas ele diz ficar um pouco frustrado com o interesse dos mais jovens pela atividade laboral. “Uma coisa que me preocupa hoje nas novas gerações é a falta de gosto pelo valor do trabalho. A minha geração tem isso, que vem dos meus pais, dos meus avós, a importância do valor do trabalho. Por isso escolhi esse tema para os meus selos”. Este é o José Rosa que, nem nas horas de descanso, deixa o trabalho de lado. ①



Luiz Felipe Pondé é doutor em Filosofia pela USP e Universidade de Paris VIII, e colunista do jornal Folha de S.Paulo.

OS RELIGIOSOS HERDARÃO A TERRA?

Vivemos num mundo secular que não se pauta por códigos religiosos na sua conduta cotidiana e que vive apenas no tempo histórico e não divino (isso é o que o nome “secular” quer dizer). O “parceiro” da sociedade secular é o Estado laico. Um Estado em que, caso alguém mate o vizinho em nome de Deus, o juiz não chamaria um padre para depor a fim de checar se foi mesmo Deus o mandante do crime.

Muitos se colocam perguntas do tipo: “mas a constituição brasileira não evoca Deus na sua abertura?” Ou “outro dia alguém não escreveu no maior jornal do país que combater o governo Dilma era uma missão cristã?”

Sociedade secular e Estado laico são conceitos fluidos, com fronteiras imprecisas e sempre em construção porque a história “não é secular”, pelo contrário, ela sempre teve exemplos importantes de religião, sociedade e Estado profundamente ligados, basta pensarmos no Egito, Grécia e Roma. A vida secular é fruto da revolução burguesa e de dois dos seus mais importantes produtos.

O filósofo canadense Charles Taylor, em seu monumental *Secular Age* (com tradução no Brasil pela editora Unisinos com o título *Uma Era Secular*), afirma que são duas, basicamente, as condições da descrença em Deus. “Condições da descrença” aqui significa que a crença em Deus perdeu em muito sua “função cotidiana”. Por detrás dessa ideia está a teoria de que uma crença é sustentada pela necessidade de seu uso cotidiano, ou seja, a base da crença é pragmática.

As duas condições da descrença são: o avanço da tecnociência e da medicina, resolvendo nossos problemas “naturais”, e o avanço do Estado de Direito, resolvendo nossos problemas “sociais” ou “humanos”.

Segundo Taylor, podemos continuar a crer em deuses, mas essa crença não determina mais as soluções que buscamos em nosso cotidiano imediato.

O demógrafo das religiões Ernst Kaufmann, no seu *Shall the Religious Inherit the Earth? (Os Religiosos Herdarão a Terra?, sem tradução no Brasil)*, nos faz uma dura questão sobre o futuro do secularismo.

O título do livro é essa questão. Não se trata de uma questão apocalíptica. Trata-se apenas de comparar a fertilidade das mulheres seculares com as religiosas (“religiosas” aqui se refere a quem vive cotidianamente segundo um código religioso que determina sua vida, ou seja, quem não vive uma vida secular).

Não vou encher você com estatísticas, mas apenas dizer que as estatísticas mostram, por exemplo, que as muçulmanas (religiosas) têm cerca de 8 filhos por mulher, enquanto que as alemãs (seculares) têm cerca de 1,4. Isso vai ao coração do drama da Angela Merkel em sua decisão para receber sírias em seu país: ela precisa das barrigas sírias porque as alemãs estão pouco interessadas em filhos, querem sim mais tempo livre, carreira profissional e ser “donas de seus corpos”.

A vida secular dá às mulheres mais papéis sociais em suas vidas. A adesão estrita a uma religião implica na maternidade como papel social primordial. No mundo secular, ter filhos custa dinheiro e oportunidades de trabalho para as mulheres. Uma religiosa tem uma vida dentro de uma rede de solidariedade feminina que as seculares não têm. E a retenção dos filhos na comunidade religiosa de origem é da ordem de 85%.

Não só a previdência quebrará com essa taxa de natalidade, a sociedade secular também. ④

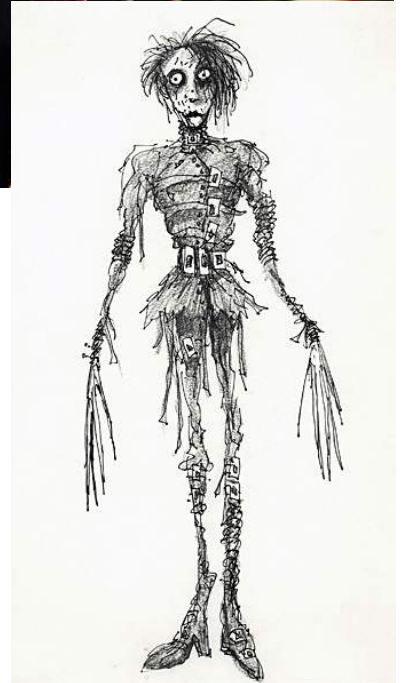


TROCADILHOS E ASSOMBRAÇÕES DE TIM BURTON

Por Thalita Azevedo

Nascido em Burbank, cidade estadunidense de Los Angeles, na Califórnia, em 1958, Timothy William Burton ou apenas Tim Burton já criou um menino com mãos de tesoura, uma noiva morta e até um cavaleiro sem cabeça. Especializado em construir monstros, Tim sempre apresentou interesse por histórias macabras e crimes.

Os traços surrealistas e de literatura gótica e as linhas expressivas levaram Tim Burton a voar o mundo. Os sucessos de bilheterias foram vários, entre eles estão: *Ed Wood* (1995), *A Lenda do Cavaleiro sem cabeça* (1999), *Peixe Grande e suas histórias maravilhosas* (2003), *Sweeney Todd: O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet* (2007 – vencedor do Oscar de Melhor Direção de Arte), *Alice no País das Maravilhas* (2010), entre outros.



Cineasta e ilustrador, Burton já trabalhou nos Estúdios Disney, e um dos seus primeiros projetos pessoais foi a **animação em homenagem ao ator Vincent Price**, que faleceu em 1993. A admiração quase rendeu um documentário, que foi arquivado com a morte do ator americano.

Vincent Price ficou famoso com os seus mais de dez filmes sobre cinema de terror. Dono do rosto mais representativo do horror sem máscara, que apavorava o cinema americano nas décadas de 40, 50 e 60, Price completaria 105 anos no dia 27 de maio deste ano.

Tim Burton tem características visuais (como listras ou espirais) e cria personagens adoráveis, mas que, ao mesmo tempo, concentram elementos como a morte, a escuridão e a melancolia diante do mundo. O real e o imaginário (*Vincent*; *Peixe Grande e suas histórias maravilhosas*), os vivos e os mortos (*Os Fantasmas se divertem*,

Frankenweenie e *A noiva cadáver*) e o individual e o coletivo (*Edward Mãos de Tesoura* e *A Fantástica Fábrica de Chocolate*) também fazem parte do universo do diretor. Além disso, Burton valoriza o trabalho artesanal como se pode conferir no filme *Alice no País das Maravilhas*, *Batman* e *Peixe Grande e suas histórias maravilhosas*.

Sabe por que Johnny Depp está em quase todos os filmes?

Simplesmente porque Depp é perfeito para os personagens esquisitos e levemente assexuados de Burton. A parceria, que vem de anos, ocorre por dois motivos: Burton gosta de conhecer a sua equipe; e ambos têm uma criatividade peculiar, além de se entenderem muito bem.

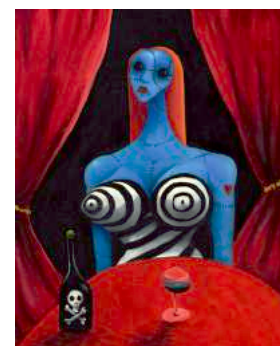


O MUNDO DE TIM BURTON

O Museu da Imagem e do Som (MIS), da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, promove, até o dia 15 de abril, a megaexposição *O Mundo de Tim Burton*. Considerada uma das exposições mais aguardadas, a mostra apresenta desenhos da infância e trabalhos atuais do diretor.

Para quem não foi, ainda dá tempo! Depois de Praga, Tóquio, Osaka e Brühl, a América Latina é escolhida como a nova sede da exposição. “*O Mundo de Tim Burton* foi apresentada em quatro continentes ao longo dos últimos seis anos. Estamos felizes em colaborar com uma instituição que personifica a arte contemporânea e a cultura cinematográfica em São Paulo com a sua história recente de exposições célebres e uma base fiel de visitantes”, comenta a curadora Jenny He.

A mostra reúne obras de arte, esboços, pinturas, storyboards [desenhos rápidos e com poucos detalhes] e bonecos de suas filmagens, como *Edward Mãos de Tesoura*; *O estranho mundo de Jack*; *Batman*; e *Os fantasmas se divertem*. Um pouco diferente das demais exposições, desta vez, o processo de criação dos desenhos de Burton (nos jornais e até nos guardanapos) foi colocado à altura dos olhos.



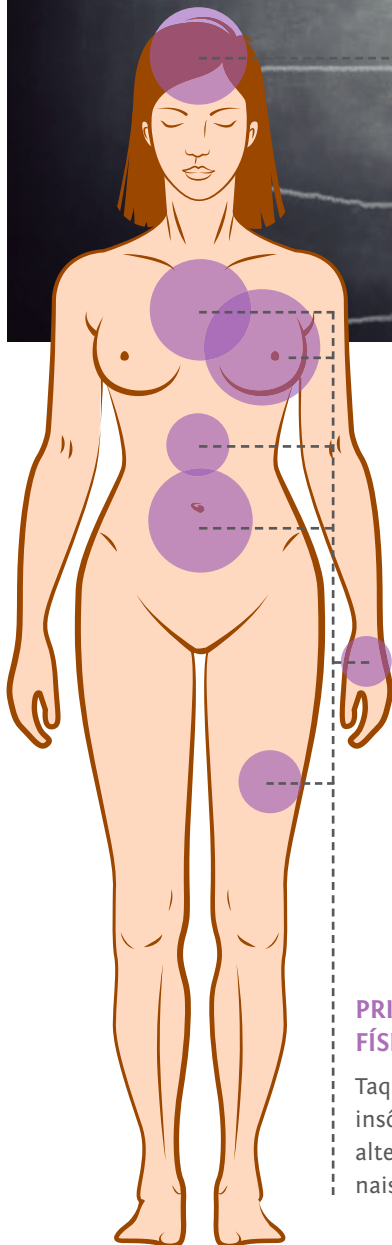
As meias listradas são como amuletos da sorte. Na época em que era animador da Disney, Tim Burton sentia-se mais calmo e firme quando usava as meias listradas.



Miss Peregrine's Home for Peculiar Children

O próximo trabalho dirigido por Tim Burton, *O Lar das Crianças Peculiares*, está previsto para estrear neste ano. O filme, uma adaptação do livro *O orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares*, de Ransom Riggs, conta a história de Jake, um adolescente que é assombrado por pesadelos após uma tragédia familiar. 🕯

OS LIMITES DA ANSIEDADE



PRINCIPAIS SINTOMAS PSÍQUICOS DE ANSIEDADE

Angústia, medo, tensão antecipatória, irritabilidade, medo de passar mal e impulsividade.

PRINCIPAIS SINTOMAS FÍSICOS DE ANSIEDADE

Taquicardia, falta de ar, insônia, tensão muscular, alterações gastrointestinais e sudorese.

Se a preocupação exagerada está prejudicando sua vida, cuidado: pode ser algum transtorno de ansiedade se manifestando. Respire fundo, desacelere e procure ajuda!

Por Fabieli de Paula

Quem nunca teve um “branco” na hora de uma prova ou não conseguiu dormir devido a uma pendência no trabalho? É normal que as pessoas sintam ansiedade, principalmente com as pressões da vida cotidiana e o excesso de informações da atualidade. O problema é quando ela passa dos limites.

O neurologista Leandro Teles, que é especialista em doenças e distúrbios neurológicos, explica que a ansiedade é uma resposta do organismo, sendo comum quando antecede eventos que fogem da rotina (uma festa, um encontro, uma viagem, semana de provas, entrevista de empregos, por exemplo). “A ansiedade pinta com cores vivas os eventos que se destacam na nossa vida, levam o foco atencional para as prioridades daquele momento, ou seja, é uma resposta fisiológica a um evento que está prestes a ocorrer”, diz.

AMIGA OU INIMIGA?

Em aproximadamente 80% da população mundial, a ansiedade ocorre em níveis moderados, o que não é negativo, afinal ela gera estímulos para resolver situações do cotidiano, no entanto, o problema está nos 20% restantes. Neles, o quadro aparece com intensidade e frequências elevadas, foge do controle em várias ocasiões e assume a forma patológica.

“Como podemos ver, a ansiedade não é em si o problema, e sim a sua intensidade e seu limiar (nível em que é desencadeada). A doença está na exacerbação da resposta ao estresse e na redução do limiar”. Teles indica que ansiedade é patológica quando incomoda o paciente e/ou a quem o cerca.

Estudos também afirmam que a ansiedade é considerada doença quando há uma preocupação exagerada e constante, medo desproporcional e tensão antecipatória, associados a uma gama de sintomas físicos (mediados pela descarga excessiva de adrenalina) muitas vezes sem um motivo real. “A ansiedade patológica faz com que se antecipe uma preocupação com determinada ocorrência, sofrendo mais do que o necessário. A pessoa que sofre deste transtorno acaba não focando e não memorizando eventos importantes do dia a dia, baixando seu rendimento nos estudos e no trabalho”.

Outro ponto é a relação com a alimentação. Pacientes ansiosos podem ter disfunção alimentar, engordando em razão da busca frenética por alimentos calóricos (classicamente o chocolate – que reduz a ansiedade e ativa o sistema de recompensa cerebral) ou mesmo emagrecendo, por alimentação hipocalórica e excesso de atividade física e mental.

RELAÇÃO ENTRE ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Você sabia que a ansiedade e a depressão podem estar presentes na mesma pessoa? Há um estudo conhecido como Kendell, que, após cinco anos de observação, constatou que o diagnóstico de depressão passa para a ansiedade em 2% dos casos e, no sentido contrário, 24% dos casos. A verdade é que não se trata de uma contrariedade. Os sintomas de um dos quadros não impedem que os sinais do outro apareçam e, muitas vezes, a ansiedade acaba se tornando um gatilho para a depressão, até mesmo por causa dos pensamentos negativos que o ansioso tem sobre si. Por isso, é importante buscar a ajuda de um especialista para evitar que qualquer um dos quadros se agravem.

FACES DA ANSIEDADE:

Os tipos mais comuns de ansiedade patológica são:

FOBIAS

São situações peculiares capazes de precipitar sintomas ansiosos, de percepção de risco e medo em pessoas suscetíveis. Entre as fobias mais comuns estão: fobia social, claustrofobia (receio de locais fechados), medo de altura, etc.

SÍNDROME DO PÂNICO

Definida por crises agudas e intensas, com taquicardia, falta de ar, formigamentos e sensação de morte iminente. A pessoa é tomada por medo, angústia e pode ter a franca impressão que está tendo um infarto e arritmia.

TOC / COMPULSÕES

Presença de pensamentos obsessivos e a necessidade de realizar alguns rituais para supri-los. São manifestações como lavar as mãos repetidamente, arrumar objetos de maneira simétrica, por exemplo.

ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

Essa forma é precipitada pela vivência de algo muito estressante, que passa a gerar sintomas crônicos de revivência como rememorar ou sonhar com o fato constantemente e perda de esperança no futuro.

TAC

Essa sigla significa Transtorno de Ansiedade Generalizada. Nesse caso, a pessoa sente-se ansiosa quase todos os dias com fatos corriqueiros, como se estivesse com nível aumentado de tensão. Ela provoca irritabilidade, dificuldade de concentração, fadiga, dificuldade de pegar no sono e dores de cabeça.

AGORAFOBIA

É o medo de passar mal e de perder o controle. Ela ocorre com frequência em pacientes que passaram por crises fortes de ansiedade.

As causas da ansiedade são variadas e envolvem aspectos genéticos, hormonais, contexto de vida (ocorrências), hábitos, etc.



1. Evite alimentos estimulantes, como café, refrigerante de cola, chá mate, energéticos, álcool, e nicotina;

2. Durma adequadamente;

3. Faça exercícios físicos regulares. Eles baixam a adrenalina e os níveis de cortisol, liberam endorfina e serotonina, e ainda controlam o peso e o sono.

4. Organize o tempo. Nada de fazer tudo ao mesmo tempo, estabeleça um plano com prioridades. A sobrecarga mental agrava a ansiedade.

5. Foque no presente. Nada de sofrer por antecipação, ficar viajando em um futuro ainda indefinido e perder a atenção na resolução de problemas do presente. Exercite o viver agora!

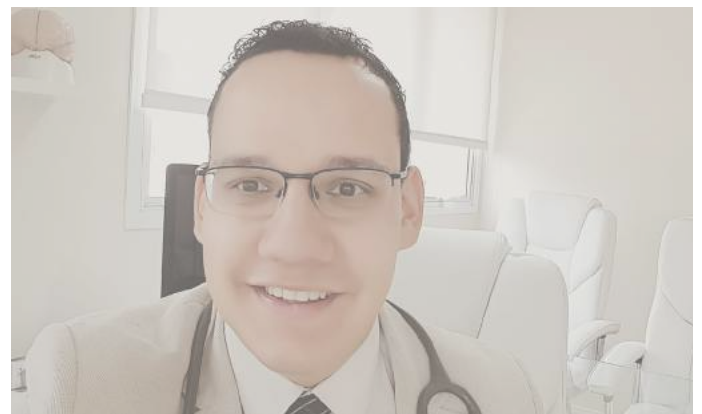
6. Tenha atividades de lazer. Desligue-se dos problemas de vez em quando, pratique um esporte, cultive um passatempo, saia com amigos, viaje.

7. Use e abuse de técnicas de relaxamento. Alongamentos, massagens, banhos prolongados e meditação são bem-vindos.

COMO COMBATER A ANSIEDADE

O princípio para superar a ansiedade é procurar ajuda e assumir que ela pode estar fora de controle. Nos Estados Unidos, isso ainda é uma batalha. A estimativa feita pela Associação Americana de Desordens Ansiosas mostrou que seis em cada dez ansiosos preferem esconder o fato de que têm um problema nessa área. Aqui no Brasil, não é diferente. A principal razão é o medo de ser alvo da discriminação que ainda ronda as doenças mentais.

“O tratamento da ansiedade depende de uma avaliação cuidadosa de seus determinantes como ritmo de vida, contexto social, educacional e de trabalho, mudança de hábitos de vida e, eventualmente, medicamentos. O primeiro passo é reconhecer o problema e buscar ajuda especializada (neurologista, psicólogo, psiquiatra ou um clínico de confiança)”, indica o neurologista Leandro Teles.



O especialista ainda esclarece que, quando a ansiedade é leve e passageira, pode ser dissipada com ajustes na rotina. “Ioga, alongamento e caminhada, por exemplo, conseguem impedir o avanço dos sintomas” e completou que, quando é moderada ou intensa, o tratamento com remédios é feito por tempo indeterminado porque o problema já se tornou crônico. ❶



Cesar Arena é especialista em anestesiologia clínica e intervencionismo em dor pelo European Neurosurgical Institute-ITA, North American Spine Society-USA, IOT-HC FMUSP

O PAPEL DE UM MÉDICO ESPECIALISTA EM DOR

Um especialista em gerenciamento da dor é um médico com formação especializada em avaliação, diagnóstico e tratamento de todos os diferentes tipos de dor. No campo da dor, encontra-se um amplo espectro de doenças, incluindo dor aguda, dor crônica e dor associada ao câncer. Não raro, um mesmo paciente pode apresentar uma combinação destas modalidades da dor. A dor também pode surgir por diversos motivos, tais como uma cirurgia prévia, lesão, dano do nervo e problemas metabólicos, como diabetes. Na maioria dos casos, a dor é um sinal do organismo com base em outro problema, mas, em outros casos, a dor pode ser o problema por si só, sem qualquer causa óbvia aparente. Seja qual for sua origem, a dor tem impactos negativos na qualidade de vida e deve ser tratada da forma correta e o mais rápido possível.

Com os avanços da medicina no campo do entendimento e tratamento da dor, tornou-se mais importante ter médicos com conhecimento especializado e habilidades para tratar estas condições. Um conhecimento profundo da fisiologia da dor, a capacidade de avaliar os pacientes com problemas de dor complexa, a compreensão de testes especializados para o diagnóstico de condições dolorosas, a prescrição adequada de medicamentos para variados problemas relacionados à dor e habilidades para realizar os procedimentos (como bloqueios de nervos, injeções espinhais e outras técnicas intervencionistas) fazem parte do que um

especialista em gerenciamento e cuidados da dor deve saber e usar para tratá-la. Além disso, a grande variedade de tratamentos disponíveis para tratar a dor cresce rapidamente. Com um número crescente de novos medicamentos, técnicas e tecnologias disponíveis para o tratamento da dor, o médico especialista em dor é exclusivamente treinado para usar estes novos conhecimentos, com segurança e eficácia, na busca de ajuda para seus pacientes.

O especialista em gerenciamento da dor desempenha um papel importante na coordenação de cuidados adicionais, tais como fisioterapia, terapia psicológica e programas de reabilitação, a fim de oferecer aos pacientes um plano de tratamento abrangente com uma abordagem multidisciplinar para o tratamento específico da sua dor.

Por conta da complexidade do tema e do impacto relevante que a escolha de um especialista em dor pode ter no seu tratamento, é recomendável encontrar alguém que tem a formação e experiência para ajudá-lo com o seu problema, e com quem você se sinta confortável para iniciar e dar continuidade ao tratamento. Uma vez que muitos tipos de dor crônica podem exigir um plano de tratamento complexo, bem como técnicas intervencionistas especializadas, especialistas em dor são uma alternativa importante a se considerar para o tratamento dos mais variados tipos de dor. ⑦





Bairros paulistanos e cidades paulistas que tiveram origem com/ou receberam grandes grupos de imigrantes e migrantes

ZONA OESTE

Pinheiros

Guaiúnás (Adeias indígenas)
Alemães
Norte-Americanos

Vila Anastácio

Chineses
Lituanos e Letos
Sírios, Libaneses e Palestinos

ZONA LESTE

Belenzinho

Italianos
Sírios, Libaneses e Palestinos

Brás

Espanhóis | Chineses | Armênios
Italianos | Sírios, Libaneses e Palestinos
Bolivianos

Itaquera

Migração Nordestina

Mooca

Espanhóis | Italianos | Lituanos e Letos

Penha

Sírios, Libaneses e Palestinos
Migração Nordestina

São Matheus

Migração Nordestina | Alemães

São Miguel Paulista

Migração Nordestina

Vila Alpina

Russos, Bielo-russos e Ucrânicos
Sírios, Libaneses e Palestinos

Vila Carrão

Migração Nordestina | Japoneses

Vila Formosa

Migração Nordestina

Vila Granada

Espanhóis

Vila Prudente

Russos, Bielo-russos e Ucrânicos

Vila Zelina

Russos, Bielo-russos e Ucrânicos
Lituanos e Letos

SÃO PAULO DE TODO MUNDO

Passados 484 anos desde a fundação da Vila de São Vicente, a população do estado de São Paulo se apresenta como um povo extremamente diverso geneticamente, o que resulta numa cultura multiétnica rica e particular. Aproximadamente 2,3 milhões de imigrantes chegaram ao estado. Povos de diferentes origens foram somados aos indígenas que habitavam o estado, sucessiva e ininterruptamente, convivendo, miscigenando e se transformando num substrato humano admirável, capaz de gerar uma economia poderosa e um valioso patrimônio cultural.

A cidade de São Paulo é a mais multicultural do Brasil e uma das mais diversas do mundo. Sobram superlativos nas análises demográficas de imigração. É a cidade com as maiores populações de origens étnicas portuguesa, italiana¹, japonesa, espanhola e libanesa fora de seus países respectivos² e tem a segunda maior colônia lituana do mundo. Além disso, São Paulo é a maior cidade nordestina do Brasil³.

No estado, foi grande a presença de negros africanos (maioria banta, nagô e malesa) trazidos na forma de escravos para servir de mão de obra (de 1530 a 1850), de escravos adquiridos da região nordeste com a decadência da cana-de-açúcar e início do ciclo do Café (1850 a 1888) e, depois da abo-



CENTRO

Bixiga

Italianos
Sírios, Libaneses e Palestinos

Bom Retiro

Judeus e Cristãos novos | Armênios | Italianos
Lituanos e Letos | Sírios, Libaneses e Palestinos
Bolivianos

Glicério

Bolivianos | Haitianos

Higienópolis

Judeus e Cristãos novos | Coreano

Liberdade

Chineses | Japoneses | Holandeses

Luz

Armênios

Morro dos Ingleses

Norte-Americanos | Italianos | Lituanos e Letos

Paissandú

Carijós (Adeia Indígena)

Pari

Espanhóis | Sírios, Libaneses e Palestinos
Bolivianos

Ponte Pequena

Armênios

Santa Ifigênia

Japoneses

Sé (25 de março)

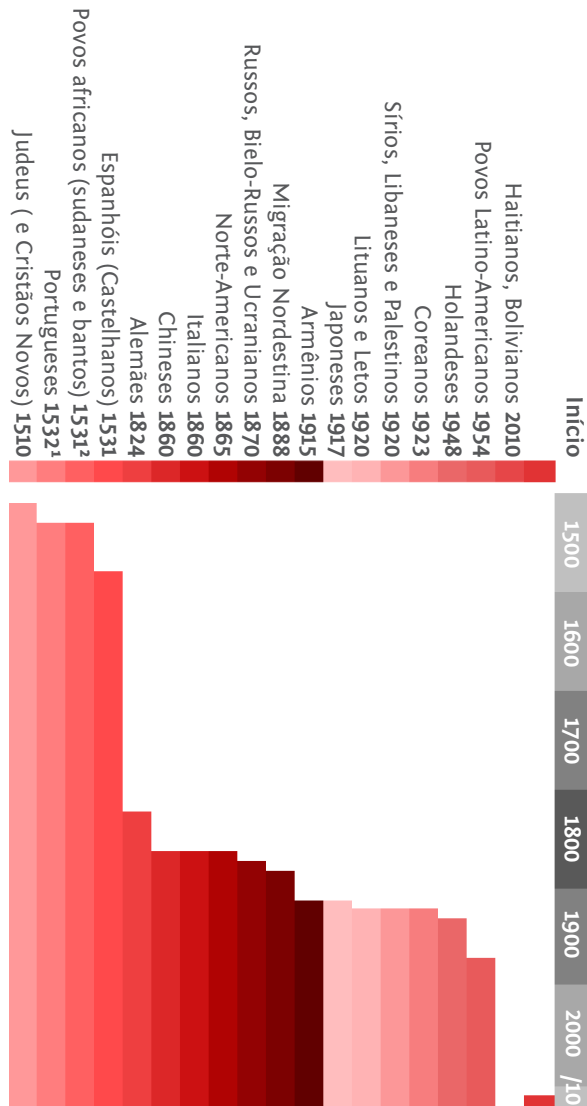
Guaiúnás (Adeia Indígena) | Chineses
Sírios, Libaneses e Palestinos

lição da escravatura, de negros alforriados que vieram do nordeste para trabalhar na cultura do café. É enorme a contribuição cultural e social que os africanos e afrodescendentes dedicaram ao estado. Segundo o Censo 2010, 5,5% dos habitantes de São Paulo se autodeclararam pretos e 29,1% se autodeclararam pardos.

Além dos maiores grupos citados, alemães, árabes, judeus, chineses, norte-americanos, russos, coreanos, armênios, ucranianos, franceses, povos da América do Sul, haitianos, holandeses e outras etnias compuseram a sociedade paulista. Trouxeram consigo elementos culturais que estão presentes na indústria, na agropecuária, nas artes, na arquitetura, nas ciências, na gastronomia, na religiosidade e na linguagem paulista.

Temos hoje uma identidade paulista que não é outra coisa senão o resultado da bagagem material e da riqueza cultural, encontradas, trazidas e transformadas pelo trabalho (tribal, sesmeiro, escravo, meeiro, operário, autônomo) de todos.

São Paulo é hoje, em aspectos gerais e específicos, macro e microcosmos de um sem número de lugares e culturas.



1 - "Brasile, la stella del Sud". Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana. 11 de dezembro de 2007. Consultado em 20 de novembro de 2008
 2 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_bairros_paulistanos_por_imigra%C3%A7%C3%A3o
 3 - IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)
 4 - <http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?indId=5&temald=1&loclD=1000>

¹ Início da colonização com a fundação da vila de São Vicente
² Não há registros precisos. 1.701 é o início do tráfico oficial de escravos, é consenso que a vinda de escravos teve início no século XVI
^{*} Encontrados em Rio Claro, vestígios de povos indígenas de aproximadamente 14.200 a.C



Fontes: IBGE, Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Wikipedia, Arquivo Público do Estado de São Paulo



Casa Verde
Espanhóis | Italianos
Imirim
Armênios

ZONA NORTE

ZONA SUL

Aclimação

Coreanos | Japoneses | Holandeses

Brooklin

Alemães

Cambuci

Tupiniquins (Aldeia Indígena) | Espanhóis
Sírios, Libaneses e Palestinos

Campo Belo

Alemães | Sírios, Libaneses e Palestinos

Ipiranga

Espanhóis | Russos, Bielo-russos e Ucranianos
Japoneses

Jabaquara

Japoneses

Jardins

Judeus e novos Cristãos | Japoneses

Moema

Russos, Bielo-russos e Ucranianos

Parelheiros

Guaianás (tribo Indígena)

Pedreira

Russos, Bielo-russos e Ucranianos
Migração Nordestina | Sírios, Libaneses e Palestinos

Santo Amaro

Guaianás (tribo Indígena) | Alemães

Saúde

Japoneses

Vila Clementino

Japoneses

O PROJETO

Por trás de toda a história social há a história do cotidiano que, por sua vez, é construída a partir da história das pessoas. Eis o projeto da revista Classe “São Paulo de todo mundo”.

Inaugurada por esta matéria, uma série de outras procurará ao mesmo tempo contextualizar a imigração dos diferentes povos que vieram ao encontro dos índios que aqui estavam; tratar das marcas culturais e contribuições materiais que estes povos deixaram; e resgatar exemplos da história pessoal de migrantes, imigrantes ou de descendentes.

Qual era o contexto histórico nos países de origem e no Brasil nos períodos de imigração? O que motivou grupos, famílias e indivíduos a abandonarem sua terra natal e se jogarem num mundo desconhecido e distante? De que maneira se integraram à economia e à sociedade brasileira?

A classe dos Agentes Fiscais de Rendas representa, em excelente medida, o mosaico étnico da nossa sociedade. Descendentes de portugueses, italianos, negros, espanhóis, japoneses, chineses são facilmente identificados nas diversas repartições da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo ou, no caso dos aposentados, nos registros diversos da Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo (Afresp).

A cada edição, que terá uma etnia como tema, buscaremos representantes dentro da própria classe e os convidaremos a contar um pouco da sua história e da sua família e procuraremos situá-la no contexto que o estado de São Paulo, o Brasil e o seu país de origem viviam. Tentaremos, ainda, resgatar de que forma essa imigração transformou a realidade da sua família e, na contrapartida, como contribuiu na formação do estado e da sociedade paulista.

Se você, leitor AFR, conhece sua descendência de imigrantes e se entusiasma em fazer parte deste projeto, entre em contato pelo telefone 011 3886-8837, ou pelo e-mail contato@revistaclasse.com.br ou envie uma mensagem pela página da revista Classe no Facebook (www.facebook.com/revistaclasse). Será uma honra reconstituirmos a jornada empreendida por você e seus ancestrais.



Americana

Norte Americanos

Araraquara

Norte-Americanos | Italianos

Campinas

Alemães | Italianos

Holambra

Alemães | Holandeses

Ibitinga

Espanhóis | Alemães | Italianos
Lituanos e Letos | Holandeses

Itapeirica

Alemães

Jundiaí

Alemães | Italianos

Limeira

Alemães

Lins

Italianos | Japoneses

Monte Mor

Alemães

Nova Odessa

Norte-Americanos | Russos, Bielo-russos e Ucrânianos

Rio Claro

Alemães

Osasco

Russos, Bielo-russos e Ucrânianos

Ribeirão Preto

Espanhóis | Russos, Bielo-russos e Ucrânianos
Italianos

Santa Bárbara

Norte-Americanos

Sumaré (Nova Veneza)

Italianos

Tupã

Italianos | Lituanos e Letos

Ubatuba

Alemães | Tupinambás

Vale do Paraíba

Tupinambás

Santos

Espanhóis

São Bernardo

Espanhóis

São Caetano

Espanhóis | Russos, Bielo-russos e Ucrânianos

Sorocaba

Italianos

CIDADES

Fontes: IBGE, Museu da Imigração, Wikipedia, Ponciano

BRASIL

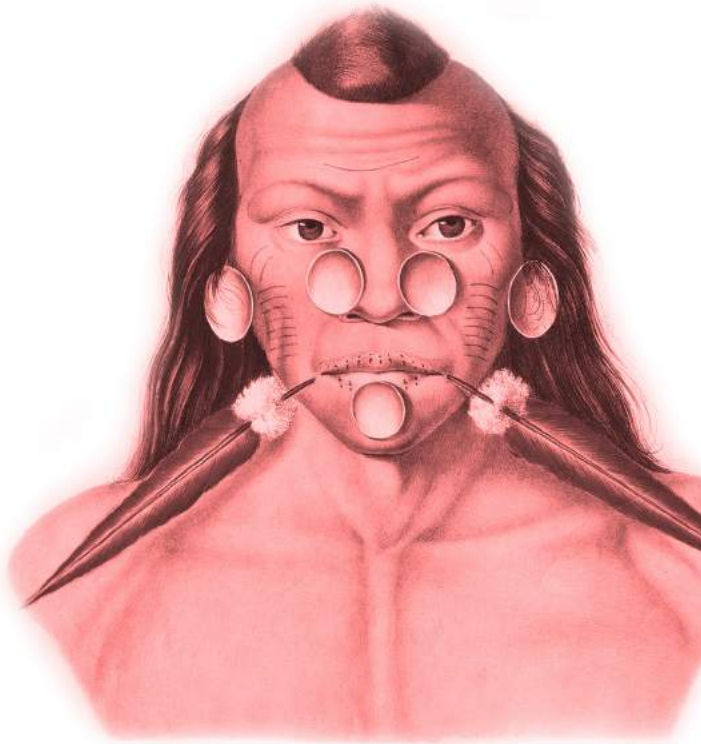
TERRA DE ÍNDIO

Foram povos indígenas dos troncos linguísticos tupi-guarani e macro-jê que os primeiros colonizadores portugueses encontraram no litoral e no planalto paulista (Piratininga). Em 1532, Tupinambás, Tupiniquins, Carijós e Guaianás habitavam essa parte do território paulista.

Também chamados por tamoios¹, os tupinambás viviam na faixa do litoral e da Serra do Mar que ia de São Sebastião até o Rio de Janeiro e no litoral da Bahia. Estima-se uma população de 100.000 indivíduos. Dizimados no Rio de Janeiro e em São Paulo, são os ancestrais das populações caboclas do Vale do Paraíba. Atualmente vivem em Olivença, na Bahia.

Os tupiniquins habitavam o litoral paulista entre Cananéia e Bertioga² e também parte do litoral baiano. Foram eles os índios com os quais a esquadra de Pedro Álvares Cabral fez o primeiro contato. Hoje, os remanescentes vivem no município de Aracruz, no Espírito Santo. Aliados aos portugueses³, os tupiniquins tiveram grande participação na fundação das cidades de São Vicente, Santos e São Paulo, na formação das primeiras populações e na colonização do Brasil interior.

Os carijós, de origem Guarani, também em número aproximado a 100.000⁴, habitavam a região que ia de



Cananéia até a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, bem como a Serra do Mar até o Planalto Paulista. Reconhecidos pelos primeiros povoadores portugueses como “o melhor gentio da costa”⁵, foram receptivos à catequese cristã. Isso não impediu sua escravização em massa por parte dos colonos.

Conhecidos também como guaianases e guaianã, os Guainás eram um grupo considerado coletor. Habitavam a região da Serra de Paranapiacaba até a foz do Rio Paraíba, no atual estado do Rio de Janeiro. Muitas dúvidas ainda pairam sobre a origem dos índios Guainás⁶ que ocupavam o Planalto Paulista e que tiveram grande importância na fundação e formação de São Paulo. Seria um ramo dos guaicurús? Dos xavantes? Cariris? Foram catequisados, ajudaram os jesuítas a construir o colégio e sua importância na Vila de São Paulo fez com que uma região de São Paulo, o bairro de Guaianases, levasse o seu nome.

Guaranis, Goiázes, Caiuás, Otis, Botocudos, Coroados, Caingangues, Xavantes viveram no interior do estado de São Paulo. Índios que foram escravizados, dizimados, assimilados ou empurrados para o interior do país (Goiás e Mato Grosso) pelos bandeirantes.

Os povos indígenas foram fundamentais para a colonização de São Paulo e deixaram legados genéticos e culturais para a formação da sociedade paulista a saber:



EUGENIA

A população de Portugal era muito pequena para colonizar o Brasil e as novas colônias estabelecidas na África e na Ásia. No início de 1.500, contava com aproximadamente 1.000.000 de habitantes⁷. Por esse motivo, a Metrópole, a despeito das orientações da Igreja, incentivava a proliferação de mestiços, fruto do relacionamento de colonizadores portugueses com indígenas. Acreditavam que esses mestiços, mamelucos, teriam maiores e melhores laços de obediência e de identificação com a cultura portuguesa.

Pesquisas científicas confirmam aquelas tradições familiares, mostrando que milhões de brasileiros carregam em seu DNA o material genético de povos indígenas. A população brasileira é bastante heterogênea, portanto o grau de ancestralidade indígena varia de pessoa para pessoa e também geograficamente. De maneira geral, as pesquisas mostram que os brasileiros apresentam alto grau de ancestralidade europeia do lado paterno, enquanto as ancestralidades ameríndias e africanas predominam do lado materno. Isso reflete a característica da colonização portuguesa, na qual a maioria dos colonizadores eram homens, gerando um padrão sexual de miscigenação entre homem europeus e mulheres indígenas e africanas. O Brasil contrasta com outros países da América Latina onde a presença negra é inexistente ou residual.⁸

O povoado de São Paulo, o único no Brasil fora da costa, naquela época, teve a miscigenação entre brancos e índios de maneira mais acentuada. A transposição da Serra do Mar era um desafio extenuante e perigoso do qual preservavam as poucas mulheres portuguesas na colônia. Até o final do século XVII, quando se tornou a capital da capitania de São Vicente, São Paulo ficou praticamente isolado do restante da Colônia e a população de mamelucos e caboclos cresceu como em nenhum outro local do Brasil.

LÍNGUA

A língua tupi falada pelos tupiniquins foi adotada pelos padres jesuítas, que a chamaram de língua geral. A catequese era feita nessa língua e não com a língua portuguesa. A língua geral se tornou tão forte que predominou na cidade de São Paulo até o final do séc. XVIII⁹. A língua portuguesa falada atualmente no Brasil incorporou sotaques, termos geográficos, topônimos e nomes próprios indígenas. Nomes de frutas, de árvores, de animais, de cidades, de rios e de pessoas fazem com que boa parte do tupi esteja na nossa linguagem corrente.

TOPONÍMIA TUPI-GUARANI¹⁰

	Significado
Anhangabaú	rio dos malefícios do diabo
Araçatuba	ajuntamento de araçás
Araraquara	toca de arara
Bauru	queda de água
Butantã	terra muito dura
Guarujá	tipo de caranguejo
Itaim	pedregulho
Jundiá	rio dos jundiás
Paranapiacaba	lugar de onde se vê o mar
Piracicaba	lugar de chegar dos peixes
Piratinga	peixe seco ou lugar de secar peixes
Sorocaba	rasgadura (da terra)
Tamandateí	rio dos tamanduás verdadeiros
Taubaté	pedras altas
Tatuapé	caminho de tatus
Tietê	água verdadeira
Votuporanga	morro bonito

ALIMENTAÇÃO E ARMAZENAGEM

É inegável a importância da descoberta, da domesticação e das técnicas de preparo para os alimentos nativos das Américas, resultante do conhecimento adquirido durante milhares de anos de contato com a floresta. A mandioca (e suas variações como a fari-



na, o pirão, a tapioca, o beiju e o mingau), o caju, o açaí, o milho, a batata-doce, o cará, o feijão, o tomate, o amendoim, o tabaco, a abóbora, o abacaxi, o mamão, a erva-mate e o guaraná foram incorporados a nossa alimentação.

O que menos se sabe é da importância que tais alimentos tiveram para os colonizadores europeus. Os navegadores traziam o charque, embutidos, bacalhau e outras fontes de proteínas. Percíveis, faltavam-lhe as fontes de fibras e vitaminas. Daí a importância da coleta e do cultivo dos produtos nativos. A mandioca, sobretudo na forma de farinha, tornou-se tão estrategicamente vital que até batizou uma de nossas constituições por tornar obrigatório o cultivo da mandioca nos engenhos de cana-de-açúcar para que as cidades de Salvador e Rio de Janeiro fossem abastecidas com fibras vegetais na alimentação.

Os recipientes de cerâmica e palhas trançadas foram extremamente úteis para o armazenamento da produção de subsistência, principalmente na isolada Vila de São Paulo.

DOMÍNIO DO TERRITÓRIO

O território americano já fora descoberto milhares de anos antes da chegada dos portugueses. Caminhos e trilhas eram formados e conhecidos pelos povos indígenas. Verdadeiras redes de capilarização que lhes permitiam se deslocar no seminomadismo coletor, nas caçadas e nas guerras travadas. Algumas trilhas eram tão largas e bem-feitas que a maioria das estradas brasileiras foi formada sobre elas. A largura dessas trilhas era dada pelo número de pessoas que poderiam andar lado a lado. Dava-se a denominação de “passa”. Por exemplo, a trilha que levava a Santa Rita era de “Passa Quatro”. Tem-se registros de trilhas “passa 20”.

A tecnologia de transporte fluvial também foi adotada pelo colonizador português. A piroga indígena, que se constitui num barco esculpido num tronco de ma-

deira, foi empregada pelos bandeirantes pela resistência no transporte em terra e na água e utilizada nas bandeiras e monções a partir do rio Tietê. Não por outro motivo, é um dos elementos presentes no Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret, instalado próximo ao Parque Ibirapuera, em São Paulo.

ESCRavidÃO, MINERAÇÃO E COLONIZAÇÃO

A escassez de riquezas da população de São Paulo – que, ao contrário das cidades litorâneas, não tinha comércio estabelecido com a Metrópole e vivia da subsistência – levou os colonizadores portugueses e seus filhos mestiços a incursões no interior brasileiro para fazer de povos indígenas vencidos escravos para serem vendidos em São Vicente. Essas bandeiras, como foram chamadas, partiram pelo interior adentro, em busca de riquezas, na forma de verdadeiros exércitos armados e violentos, constituídos basicamente por índios e mamelucos com um pequeno número de portugueses brancos no comando.

Ao contrário do que muitos pensam, as bandeiras eram formadas por um número muito grande de pessoas. Por exemplo, a bandeira de Manuel Preto e Raposo Tavares, de 1629, era composta por 69 brancos, 900 mamelucos e 2 mil índios armados. Ao final, trouxe para São Paulo quase 10.000 índios prisioneiros escravizados¹¹.

Foram essas incursões que estabeleceram rotas de tropas e comércio, formaram povoados e deixaram, como herdeiros, a população cabocla do interior de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais na conquista de um território que chegou até o médio rio São Francisco, na Bahia.

Hoje existe uma população remanescente de aproximadamente 6.000 índios, distribuídos em 29 aldeias no estado de São Paulo que podem ser conhecidas no site da Comissão Pró-Índio de São Paulo. Porém a genética e a cultura tupi-guarani e tapuias¹² estão misturadas a todos nós. ①



¹¹ BUENO, E. *Brasil: uma história*. Segunda edição revista. São Paulo: Ática, 2003.

¹² BUENO, E. *Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. pp. 60.

¹³ BUENO, E. *A coroa, a cruz e a espada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p. 186.

¹⁴ BUENO, E. *Brasil: uma história*. Segunda edição revista. São Paulo: Ática, 2003. p. 18-19.

¹⁵ BUENO, E. *Brasil: uma história*. Segunda edição revista. São Paulo: Ática, 2003. p. 18-19.

¹⁶ ABREU, Capistrano de. *Os Guaianases de Piratininga*. em <http://www.consciencia.org/05-guaianases-de-piratininga-capistrano-de-abreu>

¹⁷ Rodrigues, Teresa Ferreira (dir.) - *História da População Portuguesa*. Porto, 2008.

¹⁸ Ribeiro, Darcy. *As Américas e a Civilização - processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

¹⁹ MARANHÃO, Ricardo. *Caminhos da Conquista*. Ed. Terceiro Nome, 2008. pp. 33.

²⁰ NAVARRO, E. A. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

²¹ MARANHÃO, Ricardo. *Caminhos da Conquista*. Ed. Terceiro Nome, 2008. pp. 148.

²² Nome genérico dado a todas as tribos que não falavam o tupi-guarani.

MERCADÃO DE SÃO PAULO

Frutas exóticas e temperos aromáticos

Por Thalita Azevedo

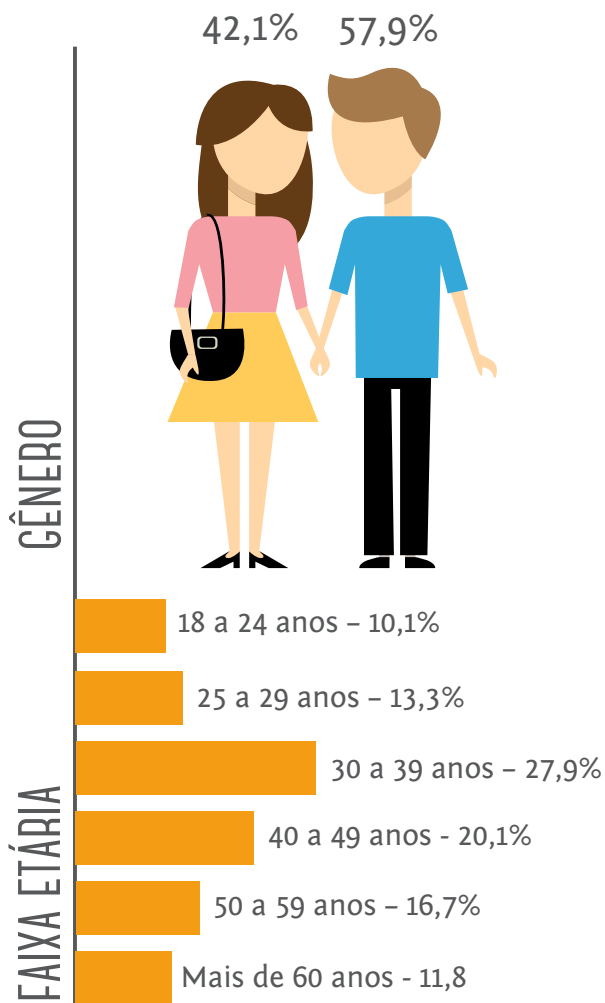


Fonte: Eliza Tonégawa

Considerado ponto turístico e conhecido por proporcionar aos visitantes sabores inesquecíveis, o Mercado Municipal de São Paulo, ou simplesmente Mercado, é um grande lugar de diversidade gastronômica e cultural e representativo de todas as etnias que povoam São Paulo. Quem passeia por ele é rendido pelos cheiros, cores e sabores dos alimentos. “No Mercado da Cantareira havia frutas, cereais, legumes, verduras, linguiça, frangos, toda a produção das chácaras dos arredores, e um setor de peixe, vindo de Santos [litoral sul de São Paulo]. Não havia nada que não fosse comestível, a não ser as cestinhas e peneiras tecidas em taquara e os potes e moringas de barro”, conta o advogado e escritor do livro *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*, Jorge Americano.

Segundo pesquisa realizada, em 2012, pelo Observatório do Turismo da São Paulo Turismo (SPTuris), o Mercado Municipal de São Paulo se destaca como o 4º ponto mais frequentado da cidade. Os homens com idade média de 41 anos são os que mais visitam o Mercado. Confira o perfil geral:

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO



*Observatório da Imprensa 2012

Localizado na rua Cantareira, próximo à rua 25 de Março, no Centro da capital paulista, o Mercado começou a ser construído, em 1928, para substituir o antigo mercado que ficava na rua 25 de Março, com o objetivo de acomodar comerciantes da região Central que vendiam produtos ao ar livre. A ideia era abrigar todos em um único espaço, junto ao rio [Tamanduateí], para que os barcos com produtos vindos das chácaras próximas pudessem aportar.

“O Mercado Municipal fez parte da minha infância e adolescência. Quando era criança, passava as tardes no Mercado e arredores em busca de materiais para trabalhos escolares com minhas amigas. Aquela região era nossa praia”, relembra Mina Yodono, fundadora do Conhecendo São Paulo.

Os estilos neogótico, neobarroco e neoclássico na fachada do edifício ficaram por conta do arquiteto Francisco Ramos de Azevedo, que explorou a iluminação natural. As obras duraram oito anos e custaram aproximadamente dez mil contos de réis. A popularização surgiu com as primeiras linhas de bonde na região, após o fim da II Guerra Mundial. Com a economia aquecida, o Mercado virou um local de alimentos paulistanos. Hoje, são comercializadas 600 toneladas de alimentos por dia, o que representa aproximadamente 65 caminhões abastecendo o mercado à noite, todos os dias.



Fonte: Imprensa Prefeitura de São Paulo

AS FRUTAS, OS SALGADOS E OS TEMPEROS

A união de histórias, diversos estilos e a cultura dos imigrantes proporcionaram um ambiente ideal para agrupar vários sabores: pastel de bacalhau, lanche de mortadela, produtos gourmet, frutas, queijos, temperos, vinhos, cereais e grãos. A diversidade dos produtos e o som fazem com que a clientela seja atraída para a região.

No mezanino, você pode encontrar o famoso Sanduíche de Mortadela. Sabia que ele foi criado em 1933, pelo proprietário do bar do Mané? Conhecido há mais de 80 anos, o lanche se tornou um ícone do turismo no Brasil por ter uma gama de combinações.

O Mercado é considerado um verdadeiro paraíso gastronômico, no qual os amantes da gastronomia podem aproveitar produtos especiais e diferenciados. Dos produtos frescos aos sofisticados temperos, o Mercado Municipal é famoso pela quantidade, variedade e qualidade dos alimentos comercializados (varejo e atacado).



Cartão Postal

PLACE
STAMP
HERE

NOV
1
2019

Aproximadamente 20 mil pessoas circulam por dia no Mercado Municipal de São Paulo nos fins de semana. O Mercado, com uma área de 12.600 m², oferece mais de 40 ramos de atividades espalhadas em 266 boxes (empórios, laticínios, mercearias, boxes gourmets, açougues e quitandas) e 69 atacadistas hortifrutícolas.

SABIA?

Que em 1932, antes da inauguração, o Mercado Municipal de São Paulo era usado para estocar armas e munições durante a Revolução Constitucionalista?

Visite:

Rua da Cantareira, 306 – Parque Dom Pedro II, no Centro de São Paulo. Para aqueles que vão de metrô, a estação mais próxima é a São Bento.

Horário de funcionamento: de segunda a sábado, das 6 às 18h, e aos domingos e feriados, o Mercado Municipal fica aberto das 6 às 16h. Vale lembrar que, no último domingo do mês, fica fechado para limpeza. 🗑️

ANTONIO FAGUNDES

Enfrentar a agenda de Antonio Fagundes já é em si um ato heroico, é sair em campo, à deriva e, ao mesmo tempo, um prazer inenarrável quando acontece, não pela tal agenda, mas porque, de um papo com ele, nada se perde, tudo se transforma.

Sabemos de seu talento desenvolvido e cultivado com dedicação, nos últimos 50 anos de sua vida. Ator, diretor, produtor, autor, um alarme com jeitinho de gente contra a acomodação. Soube que suas reuniões, a cada 15 dias, com colegas de classe, recebidos com bom vinho, muito bom humor e seriedade, servem como prato principal para a discussão sobre direitos, leis, sindicatos, etc. Ele agita.

Tivemos pouco tempo ou foi, na verdade, a sensação que me ficou. Marcamos nosso encontro no Teatro Tuca, onde ele esteve ao lado um elenco maravilhoso com Tribos, um sucesso absoluto. Combinamos que perguntas e respostas, sempre voltadas para o exercício da arte, seriam curtas e precisas. Assim foi. Ao final, um belo café expresso, 'corto', e o eco de algumas frases. Aqui estão elas.

Obrigada, Fagundes.

Por Clárisse Abujamra



Com qual livro presentearia uma criança?

Toda e qualquer forma de ler é importante. De um bom gibi para cima, tudo é válido e ajuda a cabecinha da criança a se organizar. O advento da internet é maravilhoso, sem sombra de dúvida, mas, de certa forma, contradiz nossos vícios anteriores de leitura da esquerda para a direita, sequência de raciocínio, página por página, etc. Na tela, pulam de um link para outro com alguma pressa, e temo que, talvez, se percam os detalhes, o conjunto, e que o pensamento do autor fique menos claro.

Alguma convicção?

“Somos o que fazemos, sobretudo o que fazemos para mudar o que somos”, de Eduardo Galeano, concordo.

Qual seu critério para a escolha de um texto que, eventualmente, queira montar?

A sensação que causa a primeira leitura é primordial. Bateu, levou (sorrisos).

Leio sem nenhuma expectativa sobre o que o texto pode oferecer. Jogo fora a preocupação com personagens, dramaturgia, etc, e me entrego à leitura. Procuro entender emocionalmente.

A primeira impressão é importante e, de certa forma, será esta a experiência da plateia. Encenar um texto é descobrir essa relação e uma encenação deve obrigatoriamente incluir o outro, o espectador. Depois, para nós, inicia-se um longo processo, um longo processo de compreensão, discernimento, pertinência, e sim um longo processo.

Voltar aos clássicos quando possível?

Sempre! Shakespeare, Dostoiévski, Guimarães Rosa nunca são demais, mas confesso que não ignoro um best-seller, por isso, ler Stephen King é um prazer.

Para você, como cidadão, qual deveria ser a prioridade de um governo?

Honestidade é pedir demais? Temos uma mentalidade patrimonialista e acreditamos que, como cidadãos, devemos exigir tudo do governo, e isso é um comodismo ignorante.

Agir! Lamentar apenas não leva a nada. É preciso saber nossos direitos e lutar por eles, mas, claro, também devemos exercer nossos deveres. Quebramos leis constantemente em nosso dia a dia. A maior parte

dos cidadãos sequer consegue jogar o lixo no lixo! Para se dizer o mínimo.

Tomaria partido ou defenderia nas ruas uma causa?

É preciso sempre fazer isso. Se der errado, volte às ruas, mude de partido...

A curiosidade move o mundo?

A necessidade move o mundo.

Sobre o futuro, qual é seu maior questionamento?

Um alerta constante, terrível. A única coisa que nos manteve nestes últimos 10 mil anos foi o processo de construção civilizatória, mas tudo leva a crer que estamos rompendo a barreira da civilização, e se isso realmente acontecer, então, é fato que “O Homem é uma experiência que não deu certo”.

Tecnologia: um desafio ou apenas uma constatação frente à velocidade com que se desenvolve a humanidade?

Precisamos aprender a usá-la ou seremos usados por ela, mas confesso que sou analfabete!

Não estou nas redes sociais, nem uso os recursos da internet, twitters, etc. Quanto mais sei sobre eles, mais entendo meu desinteresse em participar, porque, entre outras coisas, roubam um tempo precioso.

Família:

Tudo!

Amigos:

Poucos e bons! Os relacionamentos via internet criam uma ilusão, e o verdadeiro sentido da palavra amizade se perde. Outro dia, uma colega me contou, aqui mesmo no teatro, que um amigo perguntou a ela: “Como vai você?” Ela, honestamente, respondeu que não ia lá muito bem, e ele, numa fração de segundo, despediu-se, e foi embora. Amigos mesmo restam poucos. Amigo te ouve e te procura.

Silêncio:

Às vezes, mata. Às vezes, é preciso gritar, extravasar. Mas gosto do silêncio.

Há pouco tempo, quando percebi, tinha passado três dias em casa, num retiro con-

fortável, não premeditado, nem música tinha ouvido! Foi delicioso.

Projetos:

Continuar no processo de busca de entendimento sobre meu trabalho e sobre a vida é o que vale. Mesmo depois de 50 anos de palco como ator e produtor, a obra ainda está sendo construída. Continuo no aprendizado e projetos não faltam!

Amor:

Pela vida.

Poeta imprescindível, entre tantos:

Camões. Uma curiosidade, em se tratando de poesia. Só sei de cor um soneto, de Camões!

Dramaturgo imprescindível, entre tantos:

Nelson Rodrigues.

Frutos:

Quatro filhos maravilhosos.

Alguma sugestão de um bom livro?

Sapiens: Uma breve história da humanidade. Para aqueles que se interessam para onde vai o homem, esse animal inconstruível. Autor: Yuval Noah Harari.

A Arte é necessária? Para todos?

A Arte é indispensável, insubstituível. Às vezes, nós, artistas, somos suspeitos, quando emitimos este tipo de pensamento, mas é só ver o que a arte é capaz de fazer. Veja o processo pela qual a música, a literatura ou qualquer outra manifestação artística passou. O exercício da arte muda uma sociedade.

Novas teorias neurológicas dizem que estamos enganados, que não é a razão que manda, mas o subconsciente. É ele que faz o trabalho sujo; percebe todos os sinais, sejam eles quais forem; organiza tudo; mexe diretamente com o emocional, com o coração, com nossa forma de viver e com a força de vontade que vem, com certeza, através da arte! A razão é a cereja do bolo.

E como dizia Pessoa: “A arte é uma confissão de que a vida não basta!” 🎭



Foto: Priscila Prade

Clárisse Abujamra
é atriz, diretora
e tradutora de
textos para teatro.
Participou de
diversas novelas,
filmes e minisséries.

Privar o povo do Teatro ou de qualquer manifestação artística é faltar com a mais elementar prova de amor à humanidade! Este pensamento pode nos servir de inspiração. Um click e a Arte está em nossas mãos, democraticamente em nossas mãos.

“Quando o Estado se mete com a arte não é para proteger os artistas, é para tirar proveito deles”. O dono desta frase é o grande poeta português Eugênio de Andrade com quem tive o enorme prazer, há muitos anos, de passar uma tarde na cidade do Porto, em Portugal, num longo e fértil bate-papo. Este tema nos cerca há muito tempo: o poder das leis, dos governos, sobre as decisões, sobre os caminhos das manifestações artísticas e humanitárias.

Hoje, mais do que nunca, precisamos de parceiros, pois estamos longe de viver em uma sociedade que, apoiada pelos governos, seja educada, preparada para desfrutar e perceber a importância da arte na vida, e, uma vez ciente disso, lutar por ela. É sobre isso que quero falar.

Financiamento coletivo. O tal do Crowdfunding!

O mundo já se beneficia deste “link” há muito tempo; nós, há uns 5 anos, mais ou menos. Agora temos livre acesso ao mundo das criações, sem intermediários, e o prazer de perceber que outras pessoas também se interessam, seguem a evolução das produções, vibram e compartilham com seus amigos depois de escolhido o Tema, a Iniciativa, a ONG, o Esporte, o Espetáculo que querem ver realizado.

Acredite, isso dá um trabalho e tanto para os realizadores. São reuniões e mais reuniões com os mediadores na busca da imagem correta, da transparência, valores, contrapartidas, um texto que em poucas linhas mostre seu objetivo e convença a todos de que vale a pena participar. Tudo isso em poucas linhas porque, hoje, se você se estender na explicação, a página já foi virada, um click e pronto, já era!

UM CLICK!

É preciso convencer a todos de que vale a pena participar da maneira mais direta possível. *Conquistar. Convencer.*

Ser verdadeiro acima de tudo.

Alguns projetos ficam dois meses nas redes sociais, outros escolhem menos tempo para arrecadação. Regra geral, há data certa para começar e encerrar.

Caso o projeto não atinja o valor esperado, o dinheiro será devolvido imediatamente. Nada mais transparente.

Esse modelo ágil, sem burocracia, alinhado com as transformações do mundo, permite que você contribua sem intermediários com o valor que lhe for conveniente e a gozar de regalias oferecidas por ter participado.

Você pode ser um contribuinte anônimo se preferir. Mas, logo, logo, estaremos integrados, irmanados e vamos perceber, por exemplo, que contrapartidas são uma gentileza, que com toda certeza não será por elas que apoiaremos ou deixaremos de apoiar uma ideia.

São Paulo já desfrutou de grandes montagens e de importantes ações voluntárias, graças ao financiamento coletivo.

Atice sua curiosidade, busque um acesso pela internet e sinta o prazer de escolher e apoiar a quem você quiser!

Aos poucos, vamos aprender a lidar com este veículo e opinar e transformar se preciso for.

Passeie por eles: Catarse, Kickante, Ativaí, Unlock, outros tantos.

Com certeza vamos nos encontrar!

O poder agora pode mudar de mãos...num click! 🗳️



EXPO

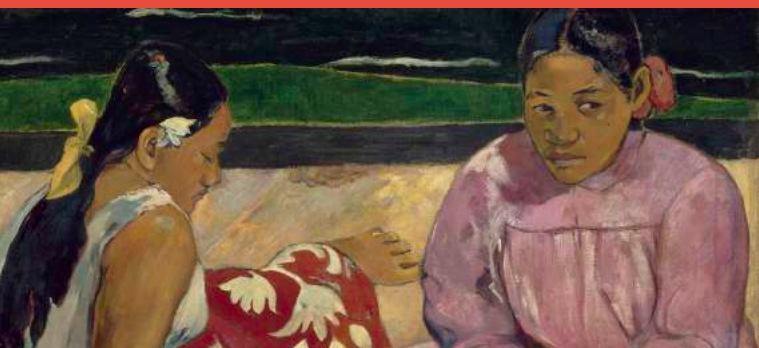


O Mundo de Tim Burton

A exposição explora toda a gama do trabalho criativo de Tim Burton e apresenta desde desenhos da primeira infância até sua carreira consolidada como diretor. São cerca de quinhentos itens incluindo obras de arte e esboços raramente ou nunca vistos, pinturas, *storyboards* e bonecos de sua vasta filmografia e de projetos não realizados e pouco conhecidos, que revelam seu talento como artista, ilustrador, fotógrafo e escritor.

Quando: até 15 de maio de 2016

Onde: MIS - Museu da Imagem e do Som de São Paulo | Avenida Europa, 158 | Jardim Europa | São Paulo



O Triunfo da Cor

A exposição "O Triunfo da Cor. O Pós-Impressionismo: Obras-primas do Musée d'Orsay e do Musée de l'Orangerie" está imperdível. Ela reunirá 75 obras de artistas como Van Gogh, Matisse, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Seurat, entre outros e está sendo realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, o Musée d'Orsay e a Fundación Mapfre.

Quando: 4 de maio até 7 de julho

Onde: Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo | Rua Álvares Penteado, 112 | Centro

AGENDA

MÚSICA

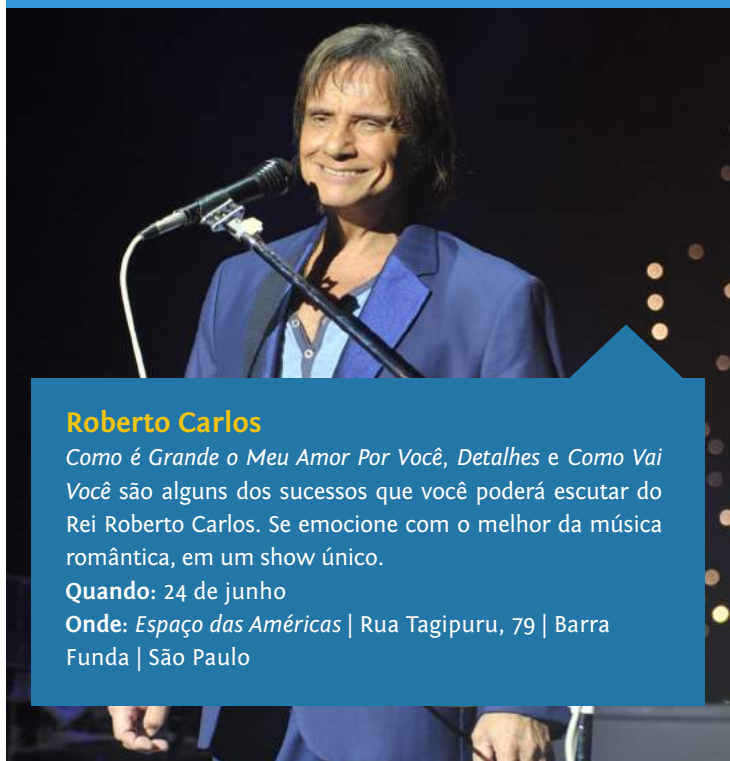


Vanessa da Mata

A cantora e compositora celebra 15 anos de estrada com sucessos antigos e recentes da carreira. *Segue o Som* é o quinto álbum da artista mato-grossense, vencedora do Latin Grammy de 2008.

Quando: 14 de maio

Onde: Tom Brasil | Rua Bragança Paulista, 1281 | Santo Amaro | São Paulo



Roberto Carlos

Como é Grande o Meu Amor Por Você, *Detalhes* e *Como Vai Você* são alguns dos sucessos que você poderá escutar do Rei Roberto Carlos. Se emocione com o melhor da música romântica, em um show único.

Quando: 24 de junho

Onde: Espaço das Américas | Rua Tagipuru, 79 | Barra Funda | São Paulo

TEATRO HISTERIA

Histeria

Dirigida por Jô Soares, Histeria é uma comédia delirante causada pelo encontro do pai da psicanálise, Sigmund Freud, com o mestre do surrealismo, Salvador Dalí, um embate entre a psiquê humana e o delírio imaginário. O elenco conta com Antonio Petrin, Cassio Scapin, Erica Montanheiro e Milton Levy.

Quando: até 31 de julho

Onde: Teatro Tuca | Rua Monte Alegre, 1024 | Perdizes | São Paulo



Wicked

Baseada no livro do escritor americano Gregory Maguire, a peça é uma espécie de prévia de *O Mágico de Oz*. Conta a história de Elphaba, que ficou conhecida como a “bruxa má”, e de Glinda, a “bruxa boa”, que viviam na Terra de Oz antes do mágico e de Dorothy chegarem. O musical é considerado o maior arrasa-quarteirão da história recente da Broadway.

Quando: temporada indefinida

Onde: Teatro Renault | Av. Brigadeiro Luís Antonio, 411 | São Paulo



Pitty, Nando Reis, Paralamas e Paula Toller

Para comemorar os 60 anos do rock, Nando Reis, Os Paralamas do Sucesso, Paula Toller e Pitty uniram forças.

Quando: 26 de junho

Onde: Praça Heróis da FEB | Avenida Braz Leme, s/n | Santana | São Paulo



Com Amor, Brigitte

Utilizando a figura de Brigitte Bardot como ícone da moda e sexualidade, a peça discute os limites entre os direitos à intimidade e à vida privada e a liberdade de expressão e informação no mundo atual. O espetáculo é concebido através da intersecção de três linguagens: teatro, vídeo e performance.

Quando: temporada indefinida

Onde: Pequeno Auditório do MASP | Av. Paulista, 1578 | São Paulo

O musical Mamonas

O espetáculo traz ao público a trajetória da banda desde sua *Utopia* até a transformação desta na realidade dos “Mamonas Assassinas”, passando por todas as músicas do primeiro e único álbum de estúdio da banda até o apoteótico show no histórico “Thomeuzão” em Guarulhos.

Quando e onde: até 29 de maio | Teatro Fecomércio | Sala Raul Cortez | R. Dr. Plínio Barreto, 285 | São Paulo

CURTAS



FUNDAFRESP ENTREGA CHEQUES PARA ENTIDADES EM TODO O ESTADO

Entre fevereiro e abril, o Fundafresp viajou pelas Regionais em todo o estado para repassar os recursos às entidades cujos projetos foram os vencedores no processo de votação do Edital 002/2015. No total, 25 projetos foram escolhidos pelos filiados do Fundafresp em todas as Regionais da Afresp no estado.

OPERAÇÃO DA FAZENDA CONTRA SONEGAÇÃO FISCAL DE CIGARROS

AFRs das Delegacias Regionais Tributárias da Capital I (Tatuapé) e II (Lapa) foram mobilizados para apurar denúncias de sonegação fiscal no setor atacadista de cigarros, tabaco e derivados. A operação, chamada de Quarta-feira de Cinzas, aconteceu no dia 24 de fevereiro.

Essas ações procuraram confirmar informações sobre supostas operações de venda sem emissão de documento fiscal. Há também a suspeita de contrabando destes produtos. Se confirmada, a operação continuará em conjunto com a Receita Federal do Brasil e a Polícia Federal. O objetivo é desarticular uma possível operação criminosa, por meio da apreensão de documentos e arquivos digitais, demonstrando a atuação do esquema, sua extensão e prejuízos ao Erário.



REUNIÃO DA AFRESP, SINAFRESP, DETEC E CAT

No dia 2 de março, os representantes da Diretoria de Estudos Tributários e Econômicos (Detec), da Coordenadoria da Administração Tributária (CAT) e Sinafresp se reuniram com a diretoria da Afresp para discutir futuros projetos de valorização da classe.

Estiveram presentes o diretor da Detec, Luiz Marcio de Souza, a gestora de capacitação da CAT, Marilene Marçal; pelo Sinafresp, Glauco Honório (vice-presidente), e Fabiano Buchetti (tesoureiro), e, pela Afresp, Rodrigo Keidel Spada (presidente), José Roberto Soares Lobato (secretário Adjunto) e Denis da Cruz Mângia (1º tesoureiro).



REINAUGURAÇÃO DO ESPAÇO ARNALDO MARQUEZINI

Os colegas agora têm um lugar aconchegante para se confraternizar: é o Espaço Arnaldo Marquezini, na sede da Afresp. Ele foi construído em 2009, na gestão de Luiz Carlos Tolo Junior, atualmente Conselheiro, e é uma homenagem ao AFR aposentado e ex-diretor Administrativo da Afresp Arnaldo Marquezini.



VIDEOCONFERÊNCIA PARA AMPLIAR COMUNICAÇÃO E REDUZIR CUSTOS

Desde fevereiro, a Afresp vem adotando as reuniões feitas por telepresença, conhecidas também por videoconferência ou *video cloud*.

Os principais benefícios dessa forma de comunicação são a redução de custos com ligações telefônicas, passagens e hospedagens, além de permitir a participação remota em reuniões. A Sede da Afresp montou uma sala reservada para as videoconferências, para permitir mais privacidade nas reuniões, que podem ser gravadas. Não há a necessidade de equipamentos específicos: o programa pode ser utilizado em computadores, tablets e smartphones.



AGE APROVA ALTERAÇÕES NO ESTATUTO

No dia 20 de fevereiro, aconteceu a Assembleia Geral Extraordinária (AGE) para deliberar sobre as propostas de alterações do Estatuto Social da Afresp, de forma a atender às exigências da legislação da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) sobre autogestões, categoria à qual pertence a Amafresp. De acordo com a Agência, para que a Amafresp possa se manter nesta categoria, somente podem pertencer ao plano os AFRs, aposentados, pensionistas e grupo familiar até o 4º grau de parentesco consanguíneo e 2º grau por afinidade. As propostas de alteração foram aprovadas por unanimidade pelos 89 AFRs presentes e 569 representados por procurações.

CRESCER ARRECADAÇÃO DO ITCMD EM 2015

Em 2015, a arrecadação do ITCMD, o imposto sobre heranças e doações, aumentou 39%. Isso é resultado de um esforço de fiscalização que começou em 2014, apertando o cerco a devedores do imposto. No ano passado, foram arrecadados R\$ 2,4 bilhões em recursos com o ITCMD em São Paulo. Comparado com a arrecadação do ICMS no mesmo período (R\$ 122,9 bilhões), desde 2013, esse valor representa uma alta de 73%.

A principal fonte de informações para o fisco paulista é a Receita Federal. Por meio de um convênio, a Fazenda tem acesso aos dados dos contribuintes que afirmaram ter recebido doações ou heranças em suas declarações de Imposto de Renda. Em seguida, cruza essas informações com sua base para saber quais deles deixaram de pagar o tributo estadual.

A parceria foi firmada em 2008, mas o governo de São Paulo refinou suas ferramentas de fiscalização nos últimos anos.

APOSENTADOS NA ESTRADA EM SERRA NEGRA

O passeio será a primeira viagem voltada aos associados aposentados e está marcado para os dias 19 a 23 de maio, na unidade de lazer Serra Negra da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo (Afresp), e a programação desse fim de semana especial conta com passeios pela cidade, atividades recreativas no hotel, bailes, jantares, tudo em ótima companhia.

AFRESP E AMAFRESP LANÇAM CAMPANHA CADASTRO PREMIADO

A Afresp e a Amafresp lançaram em abril a Campanha Cadastro Premiado com o objetivo de incentivar todos os associados Afresp e filiados Amafresp (titulares, dependentes e agregados) a atualizarem as informações de seus cadastros, como nome, endereço, telefones e e-mails. Aqueles que ainda não são associados poderão efetivar seu cadastro e também participar da promoção. Cinco participantes serão premiados.

Para participar da promoção, acesse o banner disponível no site da Afresp ou da Amafresp e clique no link correspondente de acordo com o seu perfil: associado ou não associado. A campanha acontece de 04/04 a 30/06 e o sorteio será realizado no dia 15/07. Participe!



Ignácio de Loyola Brandão é jornalista e autor de 42 livros, e é colunista do jornal O Estado de São Paulo.

AS PALAVRAS QUE NÃO USAMOS MAIS

Enquanto esperávamos os pratos da chef Vivi, eu e meu amigo Fenerich, que desde os tempos de colégio somos fascinados pela etimologia, possuindo estantes de dicionários, falávamos sobre palavras mortas, palavras antigas, palavras bonitas, palavras que não se usam mais.

- Você é capaz de me fazer uma frase usando a palavra bacirrabo?

Sei que significa um clérigo, mas conheço meu amigo e suas pegadinhas, dei a contrapartida.

- Faço, se você me fizer uma frase usando escrópulo.

- Na minha bandeja estão vinte escrópulos de prata.

- Acertou, são pedrinhas. Mas isto é português arcaico. Boa memória, olhe lá.

- E gouver? O que é?

- Digo se você me disser o que é sengo.

- Sengo é um velho sabido, velho malandro.

- E gouver é estar, morar.

Embalados pela delicada comida da Vivi, imaginamos, daqui a cem anos, dois senhores conversando e perguntando:

- E delete ou shift, o que será?

- E whatsapp?

- Meme? Olha que coisa estranha!

- E estas três letras abs e também bjs?

- E caps lock? O que será que era isso em 2016, meu Deus?

- Twitter. Não faço a mínima ideia.

- E hashtag não parece hieróglifo?

Estas palavras hoje do dia a dia como serão lidas daqui a um século? Assim como raríssimos sabem o que é gouver, bacirrabo ou escrópulo, quantos compreenderão o que é meme, bjs, abs, download?

Foi quando Fenerich propôs:

- Vamos ver agora qual de nós sabe de palavras atualíssimas que deixaram de ser usadas, desapareceram da linguagem, não são ouvidas em parte alguma? Muitos nem sabem mais o sentido.

- Como?

- Bom dia, boa tarde, boa noite. Ninguém diz mais.

- E por favor?

- E obrigado?

- E me desculpe?

- E me perdoe, foi sem querer?

- Quem ainda pede licença, a não ser empregados em novelas?

- A senhora ou o senhor primeiro?

- Quem levanta e dá o lugar dizendo: Sente-se, meu senhor, ou minha senhora?

- Quem diz saúde ou Deus te ajude, ou Deus te crie quando alguém espirra?

A chef Vivi que nos conhece de muito tempo e ouvia a conversa, se aproximou:

- Aceitam um café com licor?

Olhamos para ela, nos entreolhamos e rimos:

- Por favor. Obrigado. Se não for incomodo, claro... ①

Promoção

Cadastro

Premiado

A Afresp e a Amafresp vão premiar cinco associados que atualizarem seus cadastros no período de **04/04 a 30/06 de 2016**.

É rápido e fácil!

Acesse o site da Afresp **www.afresp.org.br** e clique no banner da promoção.

Quem pode participar?

Associados Afresp, filiados Amafresp, não associados ou não filiados que efetivarem seu cadastro no período da promoção (titulares, dependentes e agregados). *Veja o regulamento completo no site.*

Facilidade

Você também pode atualizar seu cadastro utilizando tablet ou smartphone

Confira os PRÊMIOS:

iPhone 6	Cafeteira
Notebook	5 Ingressos
TV de 32"	Hopi Hari

SOMOS TODOS CONTRIBUINTES

